

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

CAROLINA TAVARES DA SILVA LOUBACK

**A CONJUGALIDADE INTERCULTURAL DE BRASILEIRAS: UMA ANÁLISE  
SISTÊMICA DE POSTS EM BLOGS**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo  
2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

CAROLINA TAVARES DA SILVA LOUBACK

**A CONJUGALIDADE INTERCULTURAL DE BRASILEIRAS: UMA ANÁLISE  
SISTÊMICA DE POSTS EM BLOGS**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial  
para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica sob  
a orientação da Profa. Dra. Rosane Mantilla de Souza.

São Paulo  
2012

BANCA EXAMINADORA

---

---

---

Aos imigrantes  
Adrien Allemand e Nicolau Scultori

## Agradecimentos

Acredito que uma das coisas que mais dá valor à vida é olhar com satisfação para o caminho construído e verificar que não estive sozinha. É chegada a hora de celebrar a conquista e agradecer a todos que direta e indiretamente contribuíram para que este sonho se torne realidade.

Primeiramente agradeço à minha orientadora, Rosane, à co-construção deste trabalho, pelo apoio, disponibilidade e flexibilidade nas diversas formas de escuta empregadas durante o processo de orientação; a ela dedico minha especial admiração.

Às professoras Betânia e Maria Thereza pelas ricas contribuições na qualificação, dando mais consistência a meu trabalho.

Às participantes da pesquisa que se dispuseram a contribuir de forma generosa, compartilhando suas experiências vividas em terras distantes.

A meus pacientes, fonte de motivação para meu aprendizado.

A meus pais, que são para mim exemplo de seriedade e compromisso e que sempre investiram na minha educação.

A meu marido, que de muitas formas esteve presente, apoiando-me, sem o qual eu não conseguiria ter bom êxito.

A minha filha que, com sua graça e beleza, ilumina meus dias e me fortalece para seguir em frente nas lutas diárias.

A meus irmãos, cunhada, sobrinhos e amigos, que formam a rede de apoio íntima, e participaram de todo o processo, do início ao fim, sempre a torcer por mim.

Aos amigos de longe, os virtuais, que ainda que eu não conheça pessoalmente tiveram grande influência em diversos momentos difíceis, por cada palavra carinhosa de apoio, meu agradecimento, regado a café com canela.

Agradeço a todos os meus colegas de mestrado, que tornaram o deslocamento entre Rio e São Paulo menos penoso, pelo incentivo e apoio. Em especial quero deixar registrado o meu carinho a Cíntia e a Sueli.

A todo o corpo docente do Núcleo de Família e Comunidade pela preciosa contribuição ao meu desenvolvimento profissional.

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e ao Programa de Psicologia Clínica pela manutenção de um curso de excelência acadêmica, que tem sido responsável pela formação de inúmeros profissionais no Brasil.

À CNPq pela bolsa de estudos que me possibilitou a realização do Mestrado.

Finalizo como tudo começou, agradecendo a Deus e celebrando a vida.

## Resumo

A facilidade de locomoção e de comunicação crescente no mundo atual tem contribuído para o aumento do número de casamentos interculturais. Alicerçada em uma compreensão sistêmica da conjugalidade e da família, o objetivo desta dissertação foi contribuir para o entendimento dos processos implicados na formação de casais e famílias interculturais. Para tanto foi realizada uma pesquisa documental utilizando-se como material de análise o conteúdo dos *posts* de 10 *blogs* de brasileiras casadas com estrangeiros e domiciliadas fora do Brasil. Foram adotados dois eixos temáticos, *a priori* – a migração e a relação com a cultura estrangeira, e o relacionamento conjugal e familiar intercultural. O material colhido foi submetido à análise qualitativa categorial, segundo o critério de analogia, procedendo-se também à interpretação do conteúdo; posteriormente foram tratadas as semelhanças e especificidades do material categorizado. Nossa análise dos relatos postados permitiu concluir que o processo de adaptação cultural vivenciado pelas imigrantes foi bem sucedido, tendo contado com o apoio do cônjuge, das famílias de origem e de recursos pessoais da própria imigrante. O contato diário com a própria cultura é viabilizado por meio dos *blogs*, do tipo diário virtual, e pelo emprego da língua portuguesa, que atuam como veículos para a manutenção dos laços afetivos com a família de origem e os amigos. Os casais interculturais estudados empenham-se em desenvolver um novo caminho que englobe ambas as culturas, por meio da realização da cerimônia de casamento nos dois países, da valorização da culinária de ambas as culturas, da transmissão das duas línguas maternas aos filhos, bem como da junção dos rituais comemorativos das duas culturas. Os resultados obtidos são relevantes para os psicoterapeutas que trabalham com casais e famílias interculturais, bem como para todos os profissionais interessados no desenvolvimento de ações educativas e de promoção de saúde de toda a rede social daqueles que vivenciam este processo.

Palavras-chave: casamento intercultural, conjugalidade intercultural, migração, *blogs*, internet.

## Abstract

The facility with which people move and communicate in the modern world has contributed to the growing number of intercultural marriages. Based on the systemic comprehension of conjugality and family, this research aimed to contribute to the understanding of the processes involved in the formation of intercultural couples and families. For this purpose, a documental research was carried out having as its analysis material the contents of posts from 10 blogs by Brazilian women who are married to foreigners and live outside Brazil. Two thematic axes have been adopted, *a priori* – the immigration and the relation with the foreign culture and the intercultural conjugal and family relationship. The material collected was submitted to a categorial qualitative analysis, using analogy as a criterion, and to an interpretation of the contents; the similarities and specificities of the material collected were later analyzed. Our analysis of the accounts posted has allowed us to conclude that the process of cultural adaptation experienced by the immigrants was successful. They counted on the support received by their husband or wife, their families, and the immigrant's own personal resources. The daily contact with their own culture is made possible by blogs, of the virtual diary type, as well as through the use of the Portuguese language, which act as vehicles for the maintenance of the affective bonds with their original families and friends. The intercultural couples who have been studied work hard to develop a new way which encompasses both cultures. Thus, they realize the wedding ceremony in both countries; they value each other's cuisine; they transmit their respective mother-tongues to their children; and they join the cultural celebrating rites of both cultures. The results obtained are relevant to psychotherapists who work with intercultural couples and families, as well as to professionals interested in the development of educational actions and actions which promote the health of the entire social network of those who experience this process.

Key words: intercultural marriage, intercultural conjugality, migration, blogs, internet.



# Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
1. MIGRAÇÃO E DESLOCAMENTOS GEOGRÁFICOS .....	17
2. INTERNET E <i>WEBLOG</i> .....	25
2.1. Os <i>Blogs</i> .....	26
3. CONJUGALIDADE E FAMÍLIA INTERCULTURAL .....	29
3.1. Casamento intercultural.....	33
4. OBJETIVO E MÉTODO.....	41
4.1 O material a ser analisado.....	42
4.2 Análise dos resultados .....	43
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	44
5.1 Os <i>blogs</i> e os relatos .....	45
5.2 A Migração e a relação com a cultura estrangeira.....	47
5.2.1 Adaptação cultural.....	48
5.2.1.1 Os hábitos, costumes e rituais.....	49
5.2.1.2 As normas de relacionamento interpessoal .....	49
5.2.1.3 Recursos de enfrentamento.....	51
5.2.1.4 Integração na cultura hospedeira .....	52
5.2.2 Relacionamento com o próprio país .....	55
5.2.2.1 A perda ambígua.....	55
5.2.2.2 O reconhecimento do valor da própria cultura .....	56
5.2.2.3 Transmissão transgeracional da cultura brasileira.....	57
5.3 Relacionamento conjugal e familiar intercultural .....	58
5.3.1 Conjugalidade.....	59
5.3.1.1 Modelo de conjugalidade .....	59
5.3.1.2 Conflitos relativos a diferentes construções culturais da realidade.....	62
5.3.1.3 Construção de um novo código cultural .....	64
5.3.1.4 A língua do casal .....	67
5.3.2 Relacionamento com família de origem.....	68
5.3.2.1 O papel da aceitação .....	68
5.3.2.2 Rituais.....	69
5.3.2.3 Famílias globais.....	71
5.3.3 Parentalidade intercultural.....	71
5.3.3.1 Tornando-se país.....	71
5.3.3.2 Os legados .....	73
5.3.3.3 A língua .....	74

5.4 Semelhanças e diferenças identificadas.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	78
BIBLIOGRAFIA .....	81
Anexo 1 .....	87
Anexo 2 .....	89

## Introdução

"Porque o mundo é grande demais para nascer e morrer no mesmo lugar." (Pablo Neruda)

Desde o início da história da humanidade o fenômeno migratório é componente básico na luta por melhores condições de vida. Assim sendo, a análise das migrações, tanto internas como internacionais são importantes para o entendimento do processo de formação das sociedades.

Desde a época do descobrimento, o Brasil é exemplo desta formação diversificada, constituindo-se como uma nação baseada na junção de diversas culturas: a ameríndia, a portuguesa, a africana. Com o decorrer do tempo outros povos vieram somar-se a este caldeirão cultural que formou o povo brasileiro.

As migrações internacionais, que tiveram grande impacto no Brasil nos últimos dois séculos, podem ser divididas em três fases distintas: a primeira, do século XIX até a Segunda Guerra Mundial; a segunda, de 1945 até o início dos anos 1970 e a última vem ocorrendo nos últimos trinta anos (Olic, 2002).

O primeiro movimento migratório engloba as duas grandes guerras, que levaram muitos dos emigrantes europeus a deixarem suas terras em busca de um país onde pudessem viver em paz e prosperar. Neste processo de migração, o Brasil tornou-se um dos países acolhedores, recebendo, por consequência, o impacto de diversas culturas.

Depois da Segunda Guerra, os fluxos imigratórios mudaram, pois a Europa com o fim do conflito precisava promover sua reconstrução e para tanto necessitava de mão-de-obra não qualificada para realizar tarefas que o europeu não estava disposto a exercer. Diante deste fato, o continente europeu deixou de ser uma área repulsora, passando a atrair imigrantes; o Terceiro Mundo forneceu a maior parte desse contingente (Olic, 2002).

Nos últimos trinta anos, o movimento migratório tem sido fruto de um mercado econômico globalizado em que uma grande quantidade de homens e mulheres deslocam-se pelo planeta, vindos dos cinco continentes, o que tem contribuído para o surgimento de novas formas de famílias, as famílias transnacionais (Falicov, 2001 b).

A partir da década de 1980, o Brasil, de país tipicamente receptor de imigrantes, passou a ser uma região importante de emigrantes internacionais (Campos, 2011). Segundo os dados do último Censo Demográfico (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, 2010), em 2010, o número estimado de brasileiros residentes no exterior chegava a 491.645 mil, sendo 264.743 mulheres (53,8%) e 226.743 homens (46,1%), distribuídos em 193 países do mundo; além disso, 60% destes emigrantes tinham entre 20 e 34 anos de idade em 2010, ou seja, era uma população jovem, em idade de casamento. Vale dizer que foi a primeira vez que o IBGE coletou estas informações, que permitem detectar a origem, o destino e o perfil etário e por sexo dos emigrantes. Os principais destinos dos brasileiros que saem do país são: Estados Unidos (23,8%), Portugal (13,4%), Espanha (9,4%), Japão (7,4%), Itália (7,0%) e Inglaterra (6,2%).

Em um mundo globalizado, o contato entre os povos aumentou devido ao acesso popularizado aos diversos meios de transporte e de comunicação, facilitando e muito o deslocamento das pessoas no planeta, o que tem propiciado um aumento no número de famílias interculturais. E é nestas famílias que nascem os novos brasileiros que vivem em diferentes países pelo mundo, e que desde seu nascimento, em sua maioria, já possuem mais de um passaporte, e cuja identificação com nosso país vai se tornando um tema a ser considerado.

Já nesta direção, e com o objetivo de conservar os vínculos culturais e de identidade destas novas gerações de crianças brasileiras residentes no exterior, o Ministério das Relações Exteriores lançou a III Edição do Concurso de Desenho Infantil “Brasileirinhos no Mundo”. O tema proposto para 2012 é “Meu capítulo favorito da História do Brasil”. Nesta proposta, os desenhos devem explorar o modo como os participantes recordam, ou imaginam episódios e/ou personagens da história do Brasil.

Outra iniciativa importante do governo brasileiro é a manutenção da comunidade *on line* “Brasileiros no Mundo”, do Ministério das Relações Exteriores, que além de outras informações relevantes, fornece acesso a referências bibliográficas e audiovisuais sobre a emigração brasileira no exterior.

Segundo o relatório francês de 2004, da *Conférence Européenne des Relations Binationales/Biculturelles*: “*Les familles mixtes, ici et là bas*”, a Suíça é o segundo país, logo após a Alemanha, a celebrar o maior número de casamentos interculturais com

mulheres brasileiras. Ao estudar casamentos interculturais de homens suíços com mulheres brasileiras, frutos do fluxo migratório do turismo, Rittiner (2006) pôde verificar que, embora sejam duas culturas bem diferentes, nos casamentos entre suíços e brasileiras, os casais encontraram um meio termo para equilibrar os dois extremos, mostrando que o casamento intercultural não se caracteriza somente pelos desacertos e impossibilidades. Pontos fortes da cultura suíça, bem como da brasileira, serviram de base para estes casamentos, dentre os quais, segundo Rittiner (2006), os suíços levaram de sua cultura a individualidade, seus muitos idiomas, a dicotomia religiosa e o poder de organização; já as brasileiras levaram o senso de coletividade, a união linguística, a diversidade religiosa e as noções de família, mais tradicionais. Outro aspecto importante levantado pela pesquisa diz respeito às vantagens atribuídas pelos entrevistados ao casamento intercultural, dentre elas o poder ampliar a visão do mundo, a importância de uma divisão de tarefas mais equilibrada, as vantagens de aprender uma nova língua, e a possibilidade de crescimento como ser humano na convivência com alguém de uma cultura diferente.

O casamento intercultural é um fenômeno comum, que segundo Hotvedt (2002), ocorre quando duas culturas diferentes entram em contato, fazendo parte de uma estratégia de adaptação, que possibilita novas combinações genéticas, e que provoca uma metamorfose nas culturas. Neste processo, o imigrante deve adaptar-se sem comprometer sua identidade cultural, caso contrário a continuidade cultural de seu grupo ficará ameaçada.

Há também os elementos compensatórios presentes no processo migratório (Falicov, 2001 b) e no casamento intercultural (Hotvedt, 2002): poderá oportunizar um melhoramento no futuro da família, como a esperança de melhoria econômica, de oportunidades educacionais e de novas liberdades políticas, econômicas e sociais. Falicov (2001 b) observa também que no processo de migração estão envolvidas emoções conflitantes, como tristezas e alegrias, perdas e restituições, ausência e presença. Segundo a autora, o casamento intercultural muitas vezes se dá no contexto da migração, e implica em perdas de todos os tipos, como a perda do convívio com parentes e amigos que permanecem no país de origem, a perda da língua nativa, dos costumes e rituais da própria terra. Mas também deve ser considerado que estas relações se iniciam em um contexto de

apaixonamento e de construção, podendo ser vividas durante o processo de migração como uma transição positiva ou negativa em função dos recursos de cada casal.

Hotvedt (2002) admite ter dúvidas quanto ao fato de que o casamento intercultural seja mais problemático do que qualquer outro tipo de casamento, mas levanta alguns fatores de estresse como sendo mais evidentes em um casamento intercultural. Para a autora, estas relações estão calcadas em diferentes atribuições de valores, pertencentes a cada uma das famílias de origem; há também o estresse da aceitação por parte da família de origem e por parte da rede social, bem como o impacto sobre a identidade dos filhos e sobre a relação com os pais e parentes; sem falar na tensão entre os cônjuges devido a não terem sempre respostas emocionais ou reações parecidas diante das situações vivenciadas.

Guardiola e Ripoll (2008) referem-se a casamentos mistos e revêm diversos autores que consideram que o interculturalismo envolve a interação e a interrelação entre diferentes grupos étnicos, que objetivam a participação de ambos.

A interculturalidade, segundo Walsh (2005), compreende um intercâmbio equitativo entre culturas, um processo permanente de comunicação, relacionamento e aprendizagem entre indivíduos, grupos, conhecimentos, valores e tradições, com o fim de gerar, construir e propiciar o desenvolvimento pleno das capacidades dos indivíduos, mantendo-se o respeito mútuo, acima das diferenças sociais e culturais, sendo um processo por alcançar por meio de práticas e ações sociais concretas e conscientes.

Walsh (2005) revê alguns autores que estudaram a interculturalidade e que fazem referência ao espaço intermediário onde duas ou mais culturas se encontram, estabelecendo um espaço de negociação, no qual cada cultura mantém algo de si sem assimilar a outra. A noção de espaço intermediário ou “terceiro espaço”, segundo Walsh (2005) é útil para compreender a relação entre interculturalismo e identidade e entre unidade e diversidade. Segundo a autora não há fronteiras rígidas entre culturas, como não há culturas puras ou estáticas, pois elas são dinâmicas e flexíveis. Também não há fronteiras rígidas entre indivíduos pertencentes a diferentes grupos culturais, pois sempre podem ser encontrados em si mesmo vestígios dos outros, o que tem sido cada vez mais propiciado pelo contato entre as culturas, impulsionado pela migração, expatriação e pelos meios de comunicação. Assim sendo, as identidades culturais são fronteiriças e cambiantes, ou seja, no encontro

cultural há elementos que não são uma coisa nem outra, mas satisfazem as condições e territórios de ambos.

Meu interesse pelo tema família intercultural foi construído ao longo da minha vida, pois sou fruto de imigrantes italianos, por parte de minha mãe e de suíços por parte de meu pai. Na minha casa, quando criança, ouvia histórias tanto da minha mãe como do meu pai, que falavam dos meus bisavôs e tataravôs, dos seus hábitos e costumes, de como eles tinham vindo para o Brasil de navio, e das lutas que enfrentaram. Sempre fiquei a indagar o que eu tinha a ver com esta gente e estas culturas.

No período destinado à formação profissional, em que fiz estágio em Psicologia Clínica, meu primeiro paciente foi um homem, que devido à perseguição vivida na época da ditadura, precisou refugiar-se em um país latino-americano, onde constituiu família. Anos mais tarde, foi anistiado e pôde voltar ao Brasil e rever sua família de origem. Durante o processo terapêutico muitos foram os relatos que falavam do tempo vivido por ele antes do exílio, e do tão ansiado retorno à pátria em busca de pertencimento e acolhimento.

A decisão de fazer o mestrado na PUC de São Paulo foi construída gradativamente, a começar pela relação apaixonada que sempre mantive com a cidade de São Paulo, onde entre outras recordações guardo as deliciosas férias que passava com meus pais e irmãos, e com meus primos paulistas, na casa de minha tia mineira, casada com baiano.

Após a graduação fiz duas especializações, a primeira em Terapia de Família; devido a meu interesse em cursar o mestrado, obtive do orientador a indicação para a PUC de São Paulo, justificada pela excelência do corpo docente e por sua abordagem teórica sistêmica. Durante a segunda especialização, em Sexualidade Humana, ambos os professores e organizadores da pós cursavam o doutorado em São Paulo, reforçando, com o comentário, “é logo ali” o encurtamento da distância entre Rio e São Paulo. Associando todas as informações recebidas até então, o caminho traçado não poderia ter sido outro.

Já cursando o mestrado, por intermédio da disciplina “Formação e rompimento de vínculos nas conjugalidades contemporâneas”, ministrada pela Profa. Dra. Rosane Mantilla de Souza, o tema expatriação despertou meu interesse. Através deste estudo deparei com os casamentos interculturais. Foi quando, por meio da disciplina “Pesquisa na Internet”, descobri o universo dos *blogs* de expatriados brasileiros, e verifiquei que alguns destes

*blogs* funcionam como catálogos, contendo a listagem de *blogs* de expatriados brasileiros, separados por países onde os *bloggers* estão domiciliados, e cujo acesso se torna possível por meio dos *links*. Deles, cheguei aos *blogs* que tratam de casamentos interculturais.

A não territorialidade da internet cria um continente que permite o encontro das pessoas e das famílias, tanto para aqueles que se conhecem *on line* e depois estabelecem um relacionamento conjugal no qual misturam culturas e tradições familiares, como para aqueles que, encontrando-se em outro país, mantêm seus vínculos com a família de origem. Em vista disso, e da riqueza do material dos *blogs* visitados, optei por organizar esta dissertação como uma pesquisa documental (Severino, 2007 e Sá-Silva et al 2009) baseada nos *post* publicados nos *blogs* de brasileiras casadas com estrangeiros, e que ainda não passaram por nenhum tratamento analítico, sendo considerados como fontes primárias, servindo como matéria-prima de investigação.

Assim, alicerçada em uma compreensão sistêmica da conjugalidade e da família, o objetivo desta dissertação é contribuir para o entendimento dos processos implicados na formação de casais e famílias interculturais. Será realizada uma pesquisa documental a partir de relatos em *blogs* classificados como Diários Eletrônicos (Recuero, 2003) de autoria de brasileiras casadas com estrangeiros e domiciliadas fora do país.

Assim, esta dissertação terá a seguinte organização:

O primeiro capítulo versará sobre a influência da migração na formação de casais e famílias interculturais.

O segundo apresentará a relevância da internet e dos *blogs* como fonte de conexão do imigrante com a família, com os amigos e a cultura.

O terceiro capítulo tratará brevemente dos desafios da construção do casal e do ciclo vital da família, para depois discutir as particularidades evidenciadas na literatura sobre casamentos e famílias interculturais.

Os capítulos seguintes são dedicados ao objetivo e método da pesquisa, à apresentação e discussão dos resultados; por último fiz algumas considerações finais.

Com o presente estudo pretendo contribuir para o campo do conhecimento dos profissionais que trabalham com casais e famílias interculturais, e colaborar para que ações educativas e de promoção da saúde, bem como para a mobilização de redes sociais que possam servir de suporte àqueles que vivenciam este processo.



## 1. Migração e deslocamentos geográficos

“Deslizando devagar até uma brisa cheia de paz, misturei línguas em minha memória, celebrando uma fantasia que virou realidade, fazendo as minhas bagagens para finalmente mudar. Estou partindo hoje. Eu estou vivendo isso, partindo pra mudar.” (Blog *Things I'll Never Say*)

A migração, segundo Falicov (2001 b) é um dos temas mais centrais da globalização no século XXI, pois onde quer que estejamos somos todos parte de um mundo quase sem fronteiras. Nesta pesquisa, no entanto, estaremos tratando de uma circunstância específica na qual ocorre a migração, dado que nos casamentos a serem pesquisados um dos cônjuges deixa definitivamente seu país. Mas, diferentemente da situação na qual toda a família migra, no nosso caso trataremos do processo de migração que ocorre apenas para um dos cônjuges, que deverá criar vínculos não só com o seu parceiro, mas com uma cultura diferente da sua.

Para conhecer os movimentos migratórios, suas causas, suas características e consequências, é importante esclarecer alguns conceitos. Migração é todo movimento de população que ocorre no espaço geográfico, e migrante é aquele que realiza o movimento de migração. Segundo dados colhidos no *blog* Geograficamente Digital (2008), “imigração é a entrada de população estrangeira em um país” e “emigração é a saída de população de seu país de origem para outro país”. As migrações podem ser externas, de país para país, e internas - as que ocorrem dentro do país. Quanto à duração, as migrações podem ser definitivas, temporárias, sazonais, semanais, diárias. Quanto à forma, podem ser voluntárias, forçadas, legais e ilegais. As migrações também são classificadas como intracontinentais, ou seja, dentro do mesmo continente, e intercontinentais, quando se dão de um continente para outro.

Na atualidade, segundo Falicov (2001 a), as migrações podem ser de três tipos. As circulares, em que as pessoas vão e vem de um país para o outro, as definitivas, cujo objetivo é estabelecer-se permanentemente em outro país, e aquelas semelhantes aos caramujos, que levam consigo a própria casa, comum aos trabalhadores de multinacionais. Nas migrações circulares o processo de aculturação é lento, mantendo-se as duas culturas por igual; nas migrações definitivas o desarraigamento cultural é alto e nas migrações do

tipo “caramujo”, a aculturação começa antes da saída do país de origem com os preparativos pertinentes ao processo.

Daure e Reveyrand-Coulon (2009), ao estudarem a transmissão cultural entre pais e filhos no processo de emigração, revêm diversos autores que tratam do movimento migratório, e o classificam em três etapas. A primeira etapa compreende a decisão de migrar e o anúncio da decisão para a família e os amigos, assim como os projetos associados à emigração e o envolvimento emocional no processo. O apoio familiar e social é muito importante para o emigrante durante o período de tomada de decisão: sendo assim a família e os amigos tanto poderão valorizar como desqualificar este processo, e dessa forma exercerão impacto significativo sobre a atitude do emigrante com relação, tanto ao país de origem, como ao de adoção.

A segunda etapa é a viagem migratória que, dependendo da modalidade em que se encaixa, sendo temporária ou definitiva, com duração determinada ou indeterminada, desejada ou forçada, irá influenciar, de forma concreta e emocional, o processo de chegada ao país de adoção e o distanciamento do país de origem. A viagem migratória deixará lembranças na memória do viajante, que será expressa em seu discurso, refletindo o sucesso ou não desta vivência.

A terceira etapa compreende a chegada ao país de adoção, e marca o início das interações com a nova cultura e com as pessoas que lá vivem. As emoções despertadas diante das dificuldades relacionadas ao contato com o estrangeiro, com o que não lhe é familiar, exigem do imigrante um movimento de constante adaptação, que demanda dele frequente negociação entre ambas as culturas. Portanto, conforme estes autores, para que o imigrante se mostre flexível em relação a sua identidade cultural, o que possibilitará seu aprendizado dos novos códigos da sociedade de adoção, é preciso que ele experimente de forma positiva as três fases do movimento migratório: preparação da partida, viagem e chegada.

A migração, para Falicov (1995 b, 2001 a), compreende pelo menos quatro tipos de desenraizamento, o de sentido, o social, o cultural e o físico. A metáfora botânica, utilizada pela autora, ajuda a entender o processo de desenraizamento dos migrantes. Ao transplantar-se uma planta ela traz consigo, além das raízes, um pouco do solo original. Todo bom jardineiro sabe que não deve remover aquele pedaço de solo das raízes, por

causa dos nutrientes que possui, pois assim fazendo o choque do transplante será menos agressivo para a planta. O solo junto à raiz, na vivência do processo de desenraizamento pelo migrante, simboliza a sua família, a língua materna, a culinária de seu país, as amizades, enfim, todos os costumes e tradições que compõem sua cultura e que ele carrega consigo.

Segundo Falicov (1995 b), uma das rupturas mais fundamentais no processo de migração é o desenraizamento de sentido, que ocorre na estrutura de significados, ou seja, na base segundo a qual cada pessoa sustenta as relações com os outros. Com o rompimento causado pela migração, tanto a estabilidade como o sentido são afetados.

O desenraizamento social compreende a perda de apoio da rede social doméstica que o migrante tinha em seu país de origem, bem como engloba a percepção da recepção no país hospedeiro quanto à marginalização e isolamento social. O desenraizamento cultural está relacionado às histórias pessoais e à visão que o migrante possui da realidade que está enraizada nas experiências de gênero, raça, etnia e classe social, vinculadas à cultura e língua do país de origem, que é diferenciada do país de acolhimento. O desenraizamento<sup>1</sup> físico descreve o grau de familiaridade e confronto com o ambiente atual, e o grau de nostalgia do ambiente de origem, marcado pela perda da convivência com os rostos e o som das vozes que lhe são familiares, das sensações físicas habituais - os cheiros da comida, as cores e os sons do país de origem (Falicov 2001 b).

Sluzki (2003) chama a atenção para os graves efeitos causados pela migração e que geram perturbação na rede social pessoal, repercutindo no sistema familiar e sobrecarregando principalmente o casal parental. Nesta etapa, cada membro do casal nutre a expectativa de que o outro venha a preencher os papéis e as funções interpessoais perdidas durante o processo de migração, e que antes era desempenhado por parentes e amigos da rede social ampliada. Expectativas podem ser geradas pelos cônjuges, no sentido de que o outro se torne o amigo, o amante, o confidente, o companheiro incondicional, funcionando como caixa de ressonância, independentemente do fato de que jamais tenha ocupado este lugar antes. Muitas vezes o aumento das necessidades e das expectativas

---

<sup>1</sup> Como forma de exemplificar desenraizamento físico e a importância da formação de uma nova rede de apoio no processo de migração, citamos uma propaganda veiculada por ocasião dos festejos natalinos de 2011, produzida pelo grupo Zaffari-Bourbon, do Rio Grande do Sul. Acessível em [http://www.youtube.com/watch?v=TkXgJi6PAOc&feature=player\\_embedded](http://www.youtube.com/watch?v=TkXgJi6PAOc&feature=player_embedded)

ocorre quando há uma sobrecarga de demandas, e o casal não está dando conta, o que produz na relação um aumento das queixas e ressentimentos, que resultam em uma maior carência e indisponibilidade de um para com o outro.

Todos os imigrantes, segundo Falicov (2001 b), sofrem alguma forma de perda ou dor, que possui características especiais por se tratar de uma perda mais ampla que a da morte física. O processo de migração acumula várias perdas, como a da convivência com parentes e amigos que permanecem no país de origem, a língua natal, costumes e rituais, além da própria terra. No entanto, estas perdas são menores que a da morte, pois não são tão claras, completas e irrevogáveis.

Falicov (2001 b) utiliza o conceito de “perda ambígua”, proposto por Boss (1999, p. 6), assim como a explicação dada pela autora para a perda ocorrida na migração. Segundo Boss, a “perda ambígua” é caracterizada por duas situações que implicam perda: na primeira, a pessoa está fisicamente ausente, mas psicologicamente presente; na segunda, a pessoa está fisicamente presente, mas psicologicamente ausente. Falicov, no entanto, considera que a migração apresenta ambos os tipos de perda simultaneamente, tendo em vista que, se por um lado as pessoas e lugares estão ausentes, ao mesmo tempo em que se fazem presentes na mente do imigrante, por outro lado a adaptação e o estresse podem deixar alguns membros da família psicologicamente ausentes, mesmo quando estão presentes fisicamente.

Boss (1999), ao entrevistar esposas de pilotos ausentes, constatou que várias mulheres referiam-se à história do Pequeno Príncipe, de Saint-Exupéry, como uma maneira de dar sentido ao desaparecimento de seus cônjuges. A história do Pequeno Príncipe está cheia de significado sobre a ambiguidade da ausência e da presença. Metaforicamente, segundo Boss, “a cor do trigo” lembrava à raposa os cabelos do Pequeno Príncipe. A autora chama atenção para o fato de que para cada história familiar a perda ambígua terá um entendimento específico, de acordo com a cultura, o sexo, a raça, a etnia, a orientação sexual, e até mesmo para a mesma pessoa em diferentes momentos de sua vida. A escuta destas histórias familiares, segundo Boss, permite não só a compreensão do que estão enfrentando, mas também a apreciação real de sua capacidade de sobreviver e até mesmo de superar a perda.

Falicov (2001 b) constatou a ausência de rituais sociais específicos para migração, e que mesmo estes sendo considerados importantes para elaboração simbólica deste processo, geralmente são tidos como iniciativas individuais e não coletivas. Também descreveu dois tipos de rituais, os espontâneos e os terapêuticos, que podem auxiliar na superação das perdas ambíguas. Entre os rituais espontâneos estão os de conexão, de recriação, de memória, culturais tradicionais, de ciclo de vida, cotidianos, religiosos, de saúde e rituais de cura folclórica.

- I. Rituais de conexão são aqueles em que se procura entrar em contato com as pessoas queridas que estão longe por meio de visitas, mensagens e envio de dinheiro regular.
- II. Rituais de recriação são aqueles que recriam espaços étnicos e sociais, e que propiciam um conforto psicológico advindo da sensação de estar em casa, que é melhor do que não estar em casa de forma alguma, como por exemplo, a preparação de comidas típicas da própria cultura.
- III. Rituais de memória compreendem o hábito de contar histórias do passado, muitas vezes em conversas com compatriotas.
- IV. Rituais culturais tradicionais são os que buscam preservar a continuidade e a identidade familiar assim como os laços comunitários, que podem ser praticados de forma bastante fiel, mas também podem refletir lentas mudanças de significados.
- V. Rituais de ciclo de vida incluem as festividades de aniversários, casamentos, batismos, despedidas de solteiro, e funerais, que mesmo sendo práticas automáticas possuem características da própria cultura.
- VI. Rituais cotidianos são aqueles que estão presentes na realização de costumes antigos, como as refeições em família, formas de se vestir, higiene, formas de cumprimento e saudação, mas também incluem a incorporação gradativa de novos costumes de acordo com os novos interesses.
- VII. Rituais religiosos são aqueles que se referem à prática de crenças, como orações e cultos.
- VIII. Rituais que estão relacionados com a saúde e a cura folclórica fazem parte do sistema de crenças e atuam na aceitação de práticas médicas modernas.

Segundo Lind (2008), nos casais biculturais verifica-se uma maior flexibilidade dos rituais familiares e culturais do que nos casais monoculturais, bem como a existência de um papel preponderante da família de origem da mulher na transmissão dos rituais familiares.

Os rituais funcionam como marcadores no momento de transição, promovendo continuidade durante a mudança de país. No processo de migração, os rituais apresentam benefícios, podendo trazer alívio para as pessoas frente a situações complexas de mudança; na criação e manutenção de comunidades, que se conservam mesmo a longa distância; no incentivo na expressão de sentimentos, pensamentos e ações; na produção de significados estáveis no meio da mudança; como forma de compensação das perdas; e na expressão dos dois lados da ambiguidade, do ganho e da perda (Falicov, 2001 b).

O sistema de mitos, rituais, regras e normas que o imigrante encontra no país de adoção não é necessariamente o mesmo do país de origem. Segundo Daure e Reveyrand-Coulon (2009) estas contradições obrigam a família a construir uma série de estratégias de adaptação com a finalidade de reduzir as tensões, além de moderar os conflitos e as desorganizações resultantes das diferenças culturais. No caso de um casamento no qual apenas um dos parceiros migrou, é possível pensar que este processo possa ser uma tensão a mais no já não tão simples processo de adaptação inicial do casal.

Mas seja a partir das expatriações empresariais, que envolvem a família do expatriado, esposa (Souza, 2009) e filhos (Veneziano, 2011), como a partir da experiência daqueles que migram sozinhos, existe a necessidade da utilização de recursos de enfrentamento ao lidar com o choque cultural no processo de adaptação à nova cultura definido por Magalhães (2008) como o resultado da diferença existente entre a cultura do país de origem e a do país de destino, sendo visto como um momento crucial a ser superado, e cujo fracasso afeta diretamente o processo de ajustamento intercultural.

Nossa pesquisa tem como foco um desdobramento no processo de migração. Trata de brasileiras que, em consequência de expatriações empresariais, ou de migração para aprimoramento acadêmico, acabam por formar novos laços afetivos ao se casarem com estrangeiros e constituírem uma família intercultural fora do Brasil. Embora a intenção do novo casal seja a construção de um projeto de vida a dois, é exigida de uma das partes a abdicar do seu país, cultura, convívio com amigos e família de origem, o que demanda necessariamente uma adaptação cultural diferenciada.

Tung (1998) define a aculturação como um processo por meio do qual cada indivíduo que pertence a um grupo com determinada bagagem cultural adapta-se à cultura de um grupo diferente, podendo este processo possuir duas dimensões, sendo que, na primeira, preserva aspectos culturais importantes de seu país, e na segunda, ocorre uma parceria atrativa com os valores culturais do grupo hospedeiro. Quanto maior a diferença existente entre a cultura do país de origem e a do país de destino maior será o choque cultural, ou seja, mas difícil se torna a adaptação intercultural.

Na vivência da aculturação, segundo Tung (1998), há quatro orientações básicas para as relações entre os grupos culturais.

- Integração, que consiste na atração pela cultura do outro grupo cultural com preservação das normas da própria cultura.
- Assimilação, que é a atração pela cultura do outro grupo cultural, mas sem preservação das normas da própria cultura.
- Separação/segregação, que implica na preservação das normas da própria cultura, mas com rejeição da cultura do outro grupo.
- Marginalização, que é a não preservação das normas da própria cultura e a rejeição da cultura do outro grupo.

A integração, segundo Daure e Reveyrand-Coulon (2009), é a melhor forma de interação das pessoas de duas culturas diferentes, pois permite que se integrem à outra e, ao mesmo tempo, continuem leais a sua própria cultura, respeitando as duas origens familiares, o que possibilita a continuidade de ambas as culturas.

À medida que o imigrante consegue encontrar equilíbrio no país de adoção, por meio do trabalho, local de habitação e de um grupo de amigos, ele compreenderá mais facilmente os códigos linguísticos e sociais e com isto aprenderá a viver mais facilmente no país de adoção. No entanto, se o imigrante não sentir sua cultura de origem valorizada e reconhecida pela população do país de adoção, ele tenderá a reduzir sua imersão social nesta nova cultura (Daure e Reveyrand-Coulon, 2009).

Meneses (2007), ao estudar as redes sociais–pessoais, revê diversos autores que categorizam a adaptação cultural como unidirecional, bidirecional ou multidirecional. A adaptação unidirecional provoca um movimento em uma única direção, de uma cultura para outra. A adaptação bidirecional acarreta movimentos de ida e volta entre as duas culturas,

caso em que o indivíduo se familiariza com ambas as culturas. Já na adaptação multidirecional, os indivíduos que mantêm uma identidade positiva com a cultura de origem são capazes de relacionar-se em diversos níveis e de participar de complexas e variadas estruturas da sociedade, formando agrupamentos relacionais múltiplos.

Para McGoldrick (2001, p. 77) a "migração é tão disruptiva" em si mesma que acrescenta um estágio extra ao ciclo vital, prolongando o processo desenvolvimental de ajustamento que afetará cada membro da família de forma diferente, dependendo da fase em que se encontram no ciclo vital. Além disso, Castro (2005) em sua pesquisa destaca os sentidos transgeracionais de uma família atribuídos à migração, como um dos aspectos que influenciam o desejo ou não de migrar, e que poderão influenciar não só o desejo, mas também atuar como fator de fortalecimento ou enfraquecimento dos recursos necessários para lidar com os desafios da mudança de país. Para algumas famílias, dependendo de sua história, a migração pode significar uma conquista para o mundo, enquanto que para outras terá um significado de abandono ou fracasso.

Falicov (2005), a partir de seus estudos com imigrantes e do significado da expansão da família, da comunidade e da cultura, apresenta dois tipos de família, a "família psicológica" e a "família virtual" (p. 160). A noção de "família virtual" deve acomodar o fato de que esta se alimenta de um banco de memória que aumenta as chances de continuidade da presença psicológica. A autora indaga se em um mundo global não seria relevante a utilização desses dois conceitos, e em que medida as novas tecnologias da comunicação global, de longa distância, estariam contribuindo para este tipo de relação.



## 2. Internet e *Weblog*

Parece não haver dúvida que as inovações tecnológicas dos mais variados tipos introduzem transformações nos comportamentos e hábitos das pessoas. Entre as décadas de 1940 e 1960 surgiram os primeiros computadores, mas foi somente a partir da década de 1970 que os micro-computadores foram comercializados e no início dos anos 1980 que passaram a ser utilizados na esfera comercial, profissional e pessoal.

Em 1990 surgiu a *World Wide Web* (WWW), que revolucionou a internet, ampliando a interatividade já existente e tornando possível o acesso à informação de forma rápida e diversificada, por meio da lógica do hipertexto, onde um texto dá acesso a outro. Milhões de pessoas, entusiasmadas com todo este acesso e impulsionadas pela curiosidade, adquiriram o hábito de passar várias horas do lazer diário, além das de trabalho, em frente de seus computadores. A partir de então, muitos começaram a ter experiências *on line* inéditas e intensas associadas a duas atividades, a pesquisa, ou seja, navegar pelas páginas da *Web* e poder conhecer tudo facilmente, e o bate-papo, que possibilitou o contato com pessoas desconhecidas, distantes e/ou pertencentes a culturas diferentes, proporcionando novas formas de relacionamento (Leitão e Nicolaci-da-Costa, 2000). O resultado disto é que as alternativas de comunicação disponibilizadas pela internet estão alterando as rotinas de acesso à informação, relacionadas ao trabalho e às formas de relacionamento social.

A internet é um potente canal de comunicação, abrindo as portas de um novo mundo repleto de novidades em todos os campos, que propicia a comunicação e a interação entre os indivíduos, entre as organizações, independentemente da localização geográfica e da cultura. A comunicação pela internet, segundo Gehrke (2002), segue as seguintes especificidades: conectividade, velocidade e interatividade.

Na internet circulam constantemente enormes volumes de informação, que servem como uma indispensável fonte de pesquisa, pois representam um importante acervo de dados à disposição, com extrema facilidade, de quem estiver interessado. As informações são atualizadas com maior frequência, podem ser muito detalhadas, possuem *links* relacionados, podem ser buscadas por meio de artigos indexados, não possuem limitações geográficas ou de horário de acesso às fontes, permitindo que a pesquisa seja realizada em qualquer parte do mundo (Gehrke, 2002).

Por meio da *Web*, a internet permite que os pesquisadores de todo o planeta possam trocar mensagens e informações, acessar jornais, revistas, instituições de pesquisas e entidades culturais que estejam na rede (Severino, 2007). Além do que o processo de pesquisa pode acontecer na internet, por meio da internet ou a respeito da internet.

## 2.1. Os *Blogs*

Os *weblogs* surgiram em 1999 com a utilização do *software Blogger*, da empresa americana de Evan Williams, como uma ferramenta popular, já que dispensava conhecimento especializado em computação, para publicação de textos *on line*. O termo é derivado da união das palavras inglesas *web*, rede, e *log*, diário de bordo, e foi posteriormente reduzido para *blog* (Komesu, 2004).

A estrutura do *blog* é baseada em dois aspectos, o microconteúdo, que se refere às pequenas porções de texto que são colocadas de cada vez, chamadas *posts*, e a atualização frequente, quase sempre diária, na página do *blog*. Portanto o *blog* caracteriza-se por possuir um conteúdo dinâmico e organizado em torno do tempo. O autor do *blog*, o *blogger*, publica sua opinião pessoal, com registros em ordem cronológica inversa, ou seja, o lançamento mais recente vem no topo da página, com data e hora, sendo comum encontrar abaixo de cada postagem o nome ou apelido do *blogger* (Rocha, 2003 e Recuero 2003, 2004).

Segundo Recuero (2003, p. 3), os *weblogs* podem ser divididos em duas grandes categorias e uma terceira, referente híbrido das categorias anteriores. Os *weblogs* classificados como “Diários Eletrônicos” são criados como canal de expressão de seu autor, sendo o meio onde expressa seus pensamentos, fatos e ocorrências da vida pessoal cotidiana, como se fosse um daqueles diários tradicionais. Os *weblogs* classificados como “Publicações Eletrônicas” são destinados principalmente à informação, e assim como acontece em uma revista eletrônica, trazem notícias, dicas, comentários sobre um determinado assunto; também podem conter críticas a outras publicações. Nesta categoria são evitados os comentários pessoais e o objetivo permanece claro, informar. Os *weblogs* classificados como “Publicações Mistas” possuem características pertencentes às duas categorias anteriores: neles o autor alterna *posts* pessoais, com comentários sobre sua vida,

com *posts* informativos, contendo notícias, dicas e comentários sobre um assunto específico.

Conforme Recuero (2003), os *blogs* têm sido utilizados das mais diversas formas, sejam as pessoais (diários), como as informacionais (publicações), mas todas relacionadas à publicação de ideias; portanto é importante não cair na generalização de classificar os *blogs* somente como ferramenta específica na construção de diários virtuais.

A grande vantagem que pode ser atribuída ao *blog* é a facilidade para edição, atualização e manutenção dos textos, pois exige um conhecimento mínimo das ferramentas, e a utilização do hipertexto, que é um texto que contém diversos *links*, os quais por sua vez remetem a outros textos, além da possibilidade do estabelecimento de uma rede entre conteúdos, *bloggers*, comentadores e leitores (Komesu, 2004). Esta infinita rede digital abrange os diversos países do mundo e se caracteriza pelo desejo de conexão, que tem como pretensão envolver a todos num espaço virtual, o ciberespaço, onde as culturas fundem-se, formando uma única cultura global, a cibercultura (Rocha, 2003).

Sendo assim, os *blogs*, segundo Rocha (2003), apresentam-se como uma nova forma de estar junto, de partilhar sentimentos e de participação nas emoções comuns, no universo virtual, em um mundo sem fronteiras.

Recuero (2003), ao estudar o universo dos *blogs* revê diversos autores que falam sobre comunidade virtual. A comunidade virtual, também chamada de blogosfera, é formada por um grupo de pessoas que estabelecem entre si relações sociais, por meio da leitura e interação mútua em seus *blogs*, dos comentários que postam, mantendo contato durante um período de tempo contínuo, funcionando quase como uma “vizinhança” no ciberespaço. Portanto, os *blogs* se baseiam na interatividade, na interface entre usuário e a máquina e na possibilidade de contato entre o usuário e outros usuários, na comunicação mais veloz e na eliminação de barreiras geográficas (Komesu, 2004).

No Brasil, segundo Luccio e Nicolaci-da-Costa (2007), os *blogs* começaram a popularizar-se entre 2000 e 2001. No início caracterizavam-se como diários virtuais; posteriormente, outros tipos de *blogs* foram surgindo, como os de cunho jornalístico, literário, fotográfico, político, erótico, turístico, esportivo, gastronômico, entre outros.

Em uma rápida sondagem, ao digitar no Google a palavra *blog*, em abril de 2012, constatei a existência de um total de 13.140.000.000 *blogs*, o que vem reforçar o alcance mundial que este tipo de mídia tem atingido.

A constatação de que os *blogs* representam um espaço de expressão bastante importante, onde seus autores exprimem livremente suas opiniões, endossa a relevância da busca de dados no universo virtual, nos blogs.

Quando começamos a construir esta dissertação verificamos que alguns *bloggers*, além de manterem o *blog* atualizado, dispuseram-se a registrar suas experiências como expatriados e imigrantes vivendo em outros países em forma de livros, como a jornalista Yami Trequesser (2010) que escreveu “Cinco Cinco: memórias de uma brasileira em Londres”; Sandra Santos (2008), autora do livro “Mineirinha na Alemanha” e Marli Camargo (2010), que escreveu “Pé na estrada... de novo?!?”. Este último é um livro específico para crianças e seu objetivo é ajudá-las a entender e a superar as dificuldades provenientes das transições de residência e de país, em função da mudança de trabalho dos pais, com um espaço específico dedicado à cultura do país acolhedor e outro à cultura brasileira. Além do livro de dicas para a família, de Sofia Karr (2009), “Expatriado: o que você e sua família precisam saber e ninguém vai contar”.

Não podemos deixar de considerar que o *blog* representa para todo imigrante, que vive longe de seu país, uma importante conexão de identidade com a língua. Em nossa avaliação, o *blog* é um espaço onde é possível compartilhar as experiências vividas fora do país, é um espaço de encontro com os familiares e amigos distantes e é um espaço de ligação com a cultura, por meio da linguagem escrita, que pode significar recurso de enfrentamento bastante valioso para lidar com as perdas subjacentes ao afastamento do país de origem, dos familiares e dos amigos.

Finalmente, é importante salientar que, segundo Komesu (2004), os *blogs* são redigidos de forma que as histórias ali compartilhadas possam estar disponíveis a quem se dispuser a acessá-las, de forma que estes documentos tornam-se fontes de pesquisa acessíveis; sobre elas nos deteremos.

### 3. Conjugalidade e Família Intercultural

Amai-vos um ao outro,  
 mas não façais do amor um grillão.  
 Que haja, antes, um mar ondulante  
 entre as praias de vossa alma.  
 Enchei a taça um do outro,  
 mas não bebais da mesma taça.  
 Dai do vosso pão um ao outro,  
 mas não comais do mesmo pedaço.  
 Cantai e dançai juntos, e sede alegres,  
 mas deixai cada um de vós estar sozinho.  
 Assim como as cordas da lira são separadas e,  
 no entanto, vibram na mesma harmonia.  
 Dai vosso coração, mas não o confieis à guarda um do outro.  
 Pois somente a mão da Vida pode conter vosso coração.  
 E vivei juntos, mas não vos aconchegueis demasiadamente.  
 Pois as colunas do templo erguem-se separadamente.  
 E o carvalho e o cipreste não crescem à sombra um do outro.  
 (Gibran, K.)

A família, segundo Minuchin (1990), é um grupo natural que através dos tempos, desenvolve padrões de interação que formam a estrutura familiar, os quais, por sua vez governam o funcionamento dos membros da família, moldando o comportamento e facilitando a interação. Para o autor, as funções da família atendem a dois diferentes objetivos, um interno, que é a proteção psicossocial de seus membros, e outro externo, que diz respeito à acomodação a uma cultura e a transmissão desta cultura (Minuchin, 1982).

As famílias, conforme Minuchin (1990) são sistemas multi-individuais, porém são subsistemas de unidades mais amplas, como a família extensa, a vizinhança, a sociedade como um todo. Dentro da família os subsistemas são diferenciados: cada indivíduo é um subsistema, bem como as díades formam outro subsistema - marido e mulher, por exemplo. Os subgrupos mais amplos são uma forma de classificação; dentre eles encontram-se os que são formados pela mesma geração, o subsistema de irmãos; os que são formados por indivíduos do mesmo sexo, avô, pai, filho; ou por aqueles envolvidos conjuntamente em uma tarefa, o subsistema parental. Para Minuchin, além do indivíduo, três unidades possuem significado particular, os sistemas conjugal, parental e fraternal.

O começo da família pode ser caracterizado como o momento no qual dois adultos unem-se com o propósito de formá-la. Quando duas pessoas se casam, as exigências estruturais para o novo casal são a adaptação e a determinação de fronteiras (Minuchin, 1990). Cada cônjuge tenta organizar o relacionamento segundo seus próprios valores e

pressiona o outro a acomodar-se. No entanto, para que a vida em comum possa ser construída, será necessário que estes dois conjuntos de valores se conciliem; assim sendo, cada um dos cônjuges deve abrir mão de parte de suas ideias e preferências, perdendo em individualidade, ganhando em pertinência.

A estrutura familiar torna-se necessária para que as tarefas possam ser desempenhadas, e para dar apoio à individuação e à formação do sentido de pertença (Minuchin, 1990). Segundo a teoria familiar Boweniana (Nichols e Schwartz, 1998), existem duas forças que se contrabalançam no sistema familiar: uma, que liga as personalidades à união familiar, ao pertencimento, e outra, que luta rumo à individuação, à autonomia.

Os padrões de interação acordados, formalmente ou não, governam o modo como cada um dos cônjuges experimenta a si mesmo e ao companheiro no contexto matrimonial. Quando, por algum motivo, os padrões de comportamento são rompidos, aparecerão pontos de conflito, que demandarão do sistema uma nova adaptação. Este movimento de interação, em algum momento, resultará no desenvolvimento de uma estrutura conjugal básica.

No relacionamento conjugal, a díade deverá conciliar suas expectativas e estilos diferentes e desenvolver meios de relacionar-se, de lidar com afeto, e de processar informação. O casal também deverá desenvolver padrões complementares de apoio mútuo; porém o exagero na complementaridade pode prejudicar o crescimento individual (Minuchin, 1990).

Segundo Minuchin (1982, 1990), as fronteiras de um subsistema são as regras que definem quem participa e como, onde o casal deverá definir novos padrões de relacionamento com os outros, mantendo contatos que são importantes. As fronteiras estabelecidas no subsistema conjugal têm como função oferecer a seus membros uma plataforma de apoio para lidar com o mundo extra-familiar, proporcionando ao casal o crescimento de uma relação íntima e o refúgio para as tensões do exterior.

Conforme Minuchin (1990), a família enfrenta períodos de crise e de transição, e atravessa certos estágios de crescimento e de amadurecimento. O desenvolvimento da família transcorre em etapas, havendo períodos de equilíbrio e de adaptação, caracterizados pelo domínio das tarefas e atitudes pertinentes a cada etapa, e períodos de desequilíbrio que se originam tanto no indivíduo como no contexto. Este processo, que segue uma progressão

de complexidade crescente, resulta em um salto para um novo estágio, no qual se desenvolvem novas habilidades e se desempenham novas tarefas, ou seja, alcança-se um novo estágio de desenvolvimento.

Para Carter e McGoldrick (2001), os estágios do ciclo de vida da família são: jovens solteiros saindo de casa; a união de famílias no casamento, o novo casal; famílias com filhos pequenos; famílias com filhos adolescentes; lançando os filhos e seguindo em frente e famílias no estágio tardio de vida. A tabela abaixo, extraída das autoras, apresenta a versão sintética dos desafios ou mudanças estruturais de cada estágio e as reestruturações ou conquistas necessárias para que se alcance um novo padrão de equilíbrio.

**Tabela – Os Estágios do Ciclo de Vida Familiar**

<b>Estágio de ciclo de vida familiar</b>	<b>Processo emocional de transição: Princípios-chave</b>	<b>Mudanças de segunda ordem no <i>status</i> familiar necessárias para se prosseguir desenvolvimentalmente</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saindo de casa: jovens solteiros</li> </ul>	<p>Aceitar a responsabilidade emocional e financeira pelo eu</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diferenciação do eu em relação à família de origem</li> <li>• Desenvolvimento de relacionamentos íntimos com adultos iguais</li> <li>• Estabelecimento do eu com relação ao trabalho e independência financeira</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A união de famílias no casamento: o novo casal</li> </ul>	<p>Comprometimento com um novo sistema</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formação do sistema marital</li> <li>• Realinhamento dos relacionamentos com as famílias ampliadas e os amigos para incluir o cônjuge</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Famílias com filhos pequenos</li> </ul>	<p>Aceitar novos membros no sistema</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ajustar o sistema conjugal para criar espaço para o(s) filho(s).</li> <li>• Unir-se nas tarefas de educação dos filhos, nas tarefas financeiras e domésticas.</li> <li>• Realinhamento dos relacionamentos com a família ampliada para incluir os papéis de pais e avós.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Famílias com adolescentes</li> </ul>	<p>Aumentar a flexibilidade das fronteiras familiares para incluir a independência dos filhos e as fragilidades dos avós</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Modificar os relacionamentos progenitor-filho para permitir ao adolescente movimentar-se para dentro e para fora do sistema.</li> <li>• Novo foco nas questões conjugais e profissionais do meio da vida.</li> <li>• Começar a mudança no sentido de cuidar da geração mais velha.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Lançando os filhos e seguindo em frente</li> </ul>	<p>Aceitar várias saídas e entradas no sistema familiar</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Renegociar o sistema conjugal como díade</li> <li>• Desenvolvimento de relacionamentos de adulto-para-adulto entre os filhos crescidos e seus pais.</li> <li>• Realinhamento dos relacionamentos para incluir parentes por afinidade e netos</li> <li>• Lidar com incapacidades e morte dos pais (avós).</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Famílias no estágio tardio da vida</li> </ul>	<p>Aceitar a mudança dos papéis geracionais</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Manter o funcionamento e os interesses próprios e/ou do casal em face do declínio fisiológico.</li> <li>• Apoiar um papel mais central da geração do meio.</li> <li>• Abrir espaço no sistema para a sabedoria e experiência dos idosos, apoiando a geração mais velha sem superfuncionar por ela.</li> <li>• Lidar com a perda do cônjuge, irmãos e outros iguais e preparar-se para a própria morte. Revisão e integração da vida.</li> </ul>

Tabela - Os estágios do ciclo de vida familiar. CARTER, Beth; MCGOLDRICK, Monica e col. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. p.17.



As transições do ciclo de vida englobam temas universais como o nascimento, a morte, o casamento e nascimento de filhos; no entanto, segundo Falicov (1995 b), as especificidades do ciclo de vida familiar incluem diferenças culturais, tendo em vista que algumas dificuldades de transição podem ser mais comuns em algumas culturas do que em outras, e os marcadores normativos estabelecidos, bem como os processos de desenvolvimento, podem ser mais aplicáveis a certas populações do que a outras. Em vista disso, consideramos que é importante pensar nas tarefas e transições mais como indicadores do que como um processo normativo.

A família deve responder às mudanças internas e externas, deve ser capaz de se adaptar quando as circunstâncias mudam, ou seja, responder com flexibilidade sem, contudo, perder a continuidade, que assegura a seus membros um esquema de referência (Minuchin, 1982).

### **3.1. Casamento intercultural**

Desde que Berger e Kellner, em 1964, descreveram o casamento como um ato dramático no qual dois estranhos, portadores de uma história única, juntam-se e se redefinem para formar uma realidade conjunta, esta tem sido a melhor e mais citada frase para caracterizar a complexidade envolvida na conjugalidade.

Bustamante et al (2011), em artigo onde analisa os casamentos interculturais, assinala o fato de que não há uma definição simples e única para estas relações. Elas podem ser denominadas, de modo mais amplo, como interculturais íntimas, ou seja, como relações amorosas entre duas pessoas que se identificam com grupos culturais diferentes, porque representam pelo menos duas nacionalidades, raças ou religiões. Ou de forma mais estreita, como a interação de pessoas de diferentes culturas. O papel da cultura é fundamental para compreender a psicodinâmica do casal intercultural.

Já Lind (2008) propõe três critérios necessários para definir casais biculturais, que consistem em: língua materna distinta entre os cônjuges, cônjuges de nacionalidades distintas e famílias de origem pertencentes a diferentes países.

Segundo Perel (2002), todos os casamentos implicam na descoberta e discussão das diferenças, e requerem a superação dos conflitos existentes entre dois mundos, o mundo do

casamento e o mundo da origem. O conceito moderno de casamento, no Ocidente, está baseado na ideia central do amor, onde o enlace conjugal é resultado de uma escolha livre, cujo objetivo é promover felicidade, intimidade assim como a auto-realização de ambos, e paralelamente, a separação ou o afrouxamento dos laços com a família e com a tradição de origem. Já o mundo da origem, que engloba raça, religião, cultura e/ou nacionalidade, é o mundo do “inter” (p.194), onde cada indivíduo faz parte de uma história e de uma tradição familiar e nacional, onde vive uma lealdade comunal. Este mundo opõe-se fortemente ao casamento moderno baseado no amor, tendo em vista que, para a autora, o casamento não acontece apenas entre duas pessoas, mas também entre duas famílias.

Também para Rosenblatt (2011), o casamento não se dá somente entre o casal, mas envolve ambas as famílias e a cultura de cada um dos cônjuges. E mesmo que ambos os parceiros, em um relacionamento intercultural, estejam a milhares de quilômetros de suas famílias de origem, existe a possibilidade da manutenção do fluxo de comunicação, de visitas, e de estabelecerem contato constantemente. A família de origem pode deixar claro suas expectativas de como o casal deve viver, e também poderá opor-se e ressentir-se em relação ao estabelecimento de uma relação intercultural.

Conforme Waldman e Rubalcava (2005), os casais que vivenciam um bom casamento são capazes de entender as expressões emocionais um do outro, sentir empatia, acalmar e confortar um ao outro, mas em casamentos interculturais esta atitude torna-se mais difícil e problemática porque a cultura desempenha um importante papel na construção da emoção. Isto se dá porque cada parceiro vê o outro por meio de seus próprios princípios de organização cultural, sem perceber que as percepções e sentimentos que surgem a partir deles são individuais, subjetivamente administradas e que recebem influência da cultura de cada um. Em seu estudo sobre psicoterapia com casais interculturais, Waldman e Rubalcava (2005), reviram diversos autores que afirmam que em certo sentido todas as pessoas são de uma cultura diferente, pois ao cresceram em famílias diferentes acabam por possuir pressupostos diferentes sobre todas as coisas. Os casais que nasceram na mesma cultura poderão enfrentar menos preconceitos do lado de fora; no entanto, muitas diferenças reais entre eles podem estar mascaradas, porque embora pertençam ao mesmo grupo étnico, enfrentam o perigo de assumir que são semelhantes, quando de fato não são. Concluem seu estudo afirmando que os casais que são conscientes

de como as diferenças culturais individuais podem causar mal entendidos e rupturas em seu relacionamento encontram-se mais equipados para sobrepujar essas rupturas e entender melhor o outro.

Por outro lado, segundo Falicov (1995 a), a cultura poderá ser usada como uma camuflagem cultural para os casais biculturais, ou seja, como uma forma de desculpa para enquadrar algum tipo de questão que se refere às diferenças relativas ao relacionamento conjugal, e não necessariamente à cultura.

Waldman e Rubalcava (2005), e Bustamante et al (2011), revêem a literatura afirmando que as pesquisas indicam que os casais interculturais que se propõem a negociar as diferenças fortalecem sua intimidade, além de alcançarem uma maior compreensão dessas diferenças (Heller & Wood, 2007). Além disso, deve-se considerar que os casamentos interculturais são mais suscetíveis ao estresse devido à desaprovação familiar (Chan & Smith, 1995; Ibrahim & Schroder, 1990; Negy & Snyder, 2000; Solsberry, 1994); casais interculturais experimentam estressores que diferem de uma cultura para outra (Falicov, 1995 b; Fu & Heaton, 2000; Sung, 1990), e são mais passíveis de divórcio (Gaines & Ickes, 1997; Rosenblatt, Karis & Powell, 1995).

Lind (2008) compara, em sua pesquisa, 278 casais monoculturais com 146 casais biculturais, em relação a diferenças e recursos, e os resultados sugerem que casais monoculturais e biculturais não diferem substancialmente na satisfação conjugal global; no entanto, os casais biculturais revelaram um maior grau de intimidade e também um maior grau de conflitos.

Conforme Varro (1988), as mulheres que realizam casamento intercultural tendem a estar mais bem preparadas para o casamento; também mostram níveis de comprometimento, diferenciação, tolerância, flexibilidade e respeito mais elevados do que o restante das mulheres. Seus filhos tendem a ter uma visão mais ampla do mundo, mais flexibilidade e maior capacidade para lidar com diferenças culturais. Lind (2008) revê diversos autores, que mostram que as mulheres de casais biculturais revelaram-se mais aventureiras, têm um espírito mais livre e são emocionalmente mais estáveis do que a média das mulheres de casais monoculturais da mesma nacionalidade.

Segundo Perel (2002), no processo de adaptação cultural, o cônjuge recém chegado vai aos poucos se inteirando da nova cultura, imitando, identificando, interiorizando e se

familiarizando com seus aspectos mais importantes. Entretanto, a transição parece interminável, pois cada vez em que uma nova situação é enfrentada em função dos eventos, das decisões, das crises no ciclo vital, será preciso confrontar os aspectos novos e desconhecidos, num constante processo de adaptação.

Os eventos importantes do ciclo de vida tendem a fazer aflorar as diferenças fundamentais entre o casal, caracterizando um tempo difícil para encontrar energia, paciência, tempo e foco necessários para tentar chegar a um acordo sobre as diferenças (Rosenblatt, 2011). Segundo Rosenblatt (2011), os primeiros desafios enfrentados pelos casais, como o primeiro desacordo, a primeira doença grave, a primeira morte na família de origem, a primeira gravidez, o nascimento do primeiro filho, podem ser ainda maiores para os casais interculturais, em função das particularidades acerca do significado atribuído a cada um destes eventos nas diferentes culturas.

Além disso, os temas que mais desafiam os casamentos contemporâneos, pelo menos no Brasil, como satisfação conjugal e sexual, divisão de tarefas domésticas e equilíbrio entre individualidade e conjugalidade (Féres-Carneiro, 1998; Norgren, Souza, Kaslow et al, 2004; Souza, 2008; Féres-Carneiro e outros, 2006; Figueiredo, 2011) podem ter importância e significado diversos em diferentes culturas.

Conforme Falicov (1995 a), os casais possuem um sistema complexo que apresenta diferenças e semelhanças, e as diferenças culturais são apenas uma delas. Os casais que pertencem a diferentes culturas passam por uma fase de transição cultural, durante a qual deverão manter alguns valores individuais, aprender a negociar as questões conflituosas e construir um novo código cultural, que possa compreender a forma de entender o mundo de ambos. A autora descreve três tipos de situações em que as diferenças culturais estão desequilibradas nos casais interculturais. A primeira refere-se às conversações sobre conflitos em que estão envolvidos os diferentes códigos culturais. A segunda converge para as diferenças culturais e a permissão para casar, pois muitas vezes é difícil obter a benção da união por parte da família de origem. E, finalmente, a terceira diz respeito ao uso de estereótipos culturais durante os períodos de maior estresse.

Os casais interculturais podem manter uma perspectiva equilibrada ou desequilibrada de suas diferenças culturais. Falicov (2001 a) ressalta que os casais com dificuldades na relação tendem a ter uma visão empobrecida, desequilibrada ou distorcida

de suas diferenças e semelhanças culturais, o que já não acontece com casais interculturais equilibrados, que interagem bem com as diferenças culturais ao invés de negá-las ou distorcê-las. As estratégias de enfrentamento usadas nos relacionamentos para gerenciar os estressores culturais dependem de como os casais percebem e definem seus próprios fatores de estresse.

Um desafio para os casais ao lidar com as diferenças interculturais, segundo Falicov (1995 a), é o de aceitar que o parceiro possa ter em sua maneira de ser, certo grau de separação cultural, o que significa aprender a lidar e a negociar com as áreas difíceis relacionadas à diferença cultural, e lidar com estes processos mantendo o respeito mútuo.

Bustamante e outros (2011) desenvolveram uma pesquisa, com o objetivo de identificar potenciais estressores relacionados à cultura em casamentos interculturais. A pesquisa identificou seis principais estratégias efetivas de enfrentamento usadas de modo semelhante pelos casais para gerenciar estressores que envolviam diferenças culturais: (a) flexibilidade de papel de gênero; (b) humor; (c) deferência cultural pelo parceiro; (d) o reconhecimento de semelhanças; (e) reenquadramento cultural, em que ocorre a mistura de valores e expectativas que definem a relação intercultural, e (f) uma apreciação geral de outras culturas.

Romano (2001) identifica dez fatores para que um casamento bicultural seja bem sucedido. 1) Ter um forte comprometimento com a relação. 2) Possuir habilidade em comunicar, o que implica também em ter o conhecimento da língua materna do cônjuge. 3) Ser sensível às necessidades e valores do cônjuge. 4) Mostrar interesse pelos aspectos culturais do cônjuge. 5) Ser extremamente flexível, estar aberto para experimentar algo de novo, e estar pronto para fazer ajustamentos contínuos. 6) Possuir uma sólida e positiva autoimagem de ambos os cônjuges. 7) Ter o amor e o afeto como motivos principais para o casamento. 8) Possuir objetivos em comum, apesar das diferenças. 9) Cultivar o espírito de aventura e de curiosidade, o que ajuda a lidar com eventos inesperados e com uma grande ambiguidade e imprevisibilidade. 10) Revelar sentido de humor, o que implica em saber rir de si próprio em relação às diferenças culturais, os mal entendidos e os incidentes, e produz alívio de tensão, bem como colabora para a manutenção da união do casal bicultural.

Concordamos com Perel (2002) quando afirma que é importante que o casal intercultural crie uma “terceira realidade” (p. 212), que transcenda os limites do

etnocentrismo de cada um e que incorpore elementos de ambos os parceiros, ou seja, um espaço onde o casal possa ser ele mesmo e ao mesmo tempo, possa ser sensível às reações mútuas.

No Brasil o casamento satisfatório é um processo, uma construção conjunta da realidade e, para que continue satisfatório ao longo dos anos, há necessidade de investir na relação, empenhando-se para que ela seja proveitosa para os dois, tentando encontrar equilíbrio entre o eu e o nós, partilhando interesses e relacionamento afetivo-sexual de qualidade, buscando evitar o tédio e a repetição (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt e Sharlin, 2004).

Na pesquisa realizada na França por Daure e Reveyrand-Coulon (2009), com nove famílias de imigrantes, sendo quatro de origem brasileira, três de origem italiana e duas de origem portuguesa, com o objetivo de verificar de que maneira a cultura de origem dos pais faz parte do cotidiano dos filhos em um país estrangeiro, ficou clara a importância da transmissão<sup>2</sup> cultural entre pais e filhos no processo de migração. Ao contar a história migratória e suas histórias pessoais no país de origem, os pais transmitem o legado para seus descendentes assim como os valores que consideram importantes e que gostariam de perpetuar, além de estimular as relações entre as gerações, principalmente quando o contato cotidiano com os ascendentes e outros membros da família se torna difícil por causa da emigração. Existe a responsabilidade por parte dos pais de falarem da imigração, do país de origem, e da família que ficou em outro país, para que os filhos nascidos no país de adoção possam considerar e serem considerados membros daquele grupo familiar e, também, possam mais facilmente circular entre as duas culturas, sentindo-se enraizados e em segurança, e possam viver seu duplo pertencimento (Daure e Reveyrand-Coulon, 2009). Um exemplo deste ensejo foi expresso pela jornalista brasileira, Martha M. Batalha (2011), que ao estar grávida nos EUA, escreve uma carta para seu filho que iria nascer longe do Brasil, expressando seu desejo e preocupação com a transmissão da cultura (A carta encontra-se no Anexo 1).

---

<sup>2</sup> O “Brincar-es” é um projeto infantil, criado em 2007, desenvolvido pela AVA – *Asociación Sociocultural de Mujeres Hispano Brasileñas Verdeamareliña*, para atender a comunidade de pais e crianças brasileiras de Madri. A programação de todos os eventos é realizada na língua portuguesa, visando o fortalecimento dos laços com a cultura brasileira por meio de brincadeiras e atividades culturais, celebração de datas comemorativas do Brasil, como Carnaval, Festa Junina, Dia das Crianças, entre outras, e promoção da integração e formação de redes de amizade. <https://www.facebook.com/Brincar.es>

Lind (2008) identifica em sua pesquisa alguns fatores protetores em casais biculturais: um maior significado atribuído aos rituais familiares, um maior acordo sobre a forma como se realizam os rituais familiares e culturais, e um maior domínio da língua materna do marido por parte da mulher.

Um aspecto que deve ser considerado na construção conjunta de significados na conjugalidade e na transmissão dos legados ao longo das gerações diz respeito à língua. Para Lind (2008), tanto a língua como os rituais familiares parecem estar estritamente ligados à cultura dos cônjuges.

Um dos maiores problemas em qualquer casal é a comunicação, e poderá ser ainda maior em casais biculturais, onde coexistem, de uma forma ou outra, pelo menos duas línguas maternas. A escolha da língua que o casal bicultural irá usar para comunicar-se poderá afetar o equilíbrio do poder na relação conjugal: o cônjuge que tem como língua materna a do país domiciliado possui automaticamente mais informação e poder de decisão do que o cônjuge que fala uma língua estrangeira. Por esta razão, existem casais biculturais que preferem comunicar-se numa terceira língua, que constitui para ambos os cônjuges uma língua estrangeira. Lind (2008) enfatiza a importância do conhecimento da língua materna do cônjuge em casais biculturais, o que, além de possibilitar e facilitar a comunicação intra e extra-familiar, também proporciona um maior entendimento e compreensão da cultura do cônjuge.

Storvik (2010) revê diversos autores que falam sobre a transmissão da língua pela família, e destaca entre outros, um sistema linguístico doméstico que promove o bilinguismo<sup>3</sup>, “*one parent, one language*”, que se desenvolve quando cada um dos pais se comunica com o filho exclusivamente na sua língua materna, mesmo que a comunicação entre o casal se dê em um idioma diferente. O autor considera, no entanto, que este sistema só funcionará se houver consentimento e apoio mútuo entre os pais, pois a adoção de uma língua na comunicação com a criança, que não seja da fluência do cônjuge, tenderá a isolá-lo, e poderá ser fonte de desentendimento familiar. Muitos pais não querem abrir mão do

---

<sup>3</sup> Em 2011 a organização “Brasil em Mente” promoveu em Nova York, o II Encontro de Famílias Multiculturais que falam Português, para pais e avós interessados no bilinguismo como parte da educação de seus filhos. Neste encontro, profissionais da área de Psicologia, Psicopedagogia e Educação discutiram o tema “A língua como herança”. <http://brasileirinhos.wordpress.com/2011/11/07/ii-encontro-de-familias-multiculturais-que-falam-portugues/>

privilégio de se comunicarem com seus filhos em sua língua materna, pois se sentiriam incomodados caso tivessem que falar com o bebezinho, brincando, tentando transmitir carinho ou até mesmo dando bronca, numa língua que não fosse a sua.

Muitas famílias possuem duas ou mais culturas representadas dentro delas, porque os cônjuges pertencem a diferentes raças, religiões ou grupos étnicos, ou ainda porque os pais ou os filhos cresceram em ambientes diferentes (Falicov, 1995, a). Para Grosjean (2011), as culturas raramente têm exatamente a mesma importância para as pessoas biculturais: uma cultura poderá desempenhar um papel maior de dominação cultural durante um período do ciclo de vida, antes de desempenhar um papel secundário, e vice-versa. No entanto, devido ao componente bicultural, certas atitudes, comportamentos, sentimentos, deixam de ter sua origem exclusiva em uma cultura, passando a constituir uma mistura cultural.

De qualquer modo, sempre haverá um aspecto essencial em casais formados por pessoas de culturas diferentes, que é a relação entre a linguagem e a afetividade. Perel (2002) destaca a presença de um paradoxo interessante que se dá quando uma pessoa rompe com uma das coisas com a qual tem a maior intimidade, que é a língua mãe, a fim de se aproximar de alguém em uma língua estrangeira. A autora indaga acerca da possibilidade de expressar intimidade em uma língua que não é a própria, levando em consideração tudo o que se perde na tradução.

Finalmente, concordamos com Rosenblatt (2011), quando diz que o entendimento das diferenças culturais não será idêntico para dois casamentos diferentes, quaisquer que sejam. E este fato precisa ser levado em conta por aqueles que buscam entender a dinâmica do casamento intercultural.



## 4. Objetivo e método

O objetivo desta pesquisa é compreender, a partir de relatos em *blogs* de brasileiras casadas com estrangeiros, domiciliadas fora do país, os processos implicados na formação de conjugalidades interculturais, e na construção de famílias interculturais.

Trata-se de uma pesquisa cujo delineamento é uma análise documental. A pesquisa documental é muito próxima à pesquisa bibliográfica tendo como principal diferença a natureza das fontes, ou seja, trata de materiais que ainda receberam um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com o objetivo da pesquisa.

Os documentos constituem-se em uma fonte poderosa de informação, cujos conteúdos podem oferecer evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador (Sá-Silva, Almeida, Guindani, 2009). Segundo Lüdke e André (1986) os documentos não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre este mesmo contexto.

A análise documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema. O trabalho de análise se inicia com a coleta dos materiais, não se tratando de uma acumulação cega e mecânica: à medida que colhe as informações, o pesquisador elabora a percepção do fenômeno e se deixa guiar pelas especificidades do material selecionado (Lüdke e André, 1986).

As fontes documentais têm sido divididas em arquivos públicos e arquivos particulares; e no caso dos *post* em *blogs* trata-se de arquivos particulares, o que suscita um questionamento ético deste material. Em primeiro lugar, deve-se considerar que a cisão entre o que é público e o que é privado na internet não é simples. Segundo Eysenbach e Till (2001) que tratam das implicações éticas da pesquisa via internet e de material situado na rede, há diferenças psicológicas entre a exposição na internet, ou seja, não se pode assumir que todos buscam visibilidade, nem que seus argumentos são meros documentos. Orientam neste caso, considerar os níveis de privacidade estimada quando o acesso ao material exige registro; por exemplo, para participar de um fórum, este material pode ser considerado como privado; ao contrário, o número de usuários (reais ou assumidos) determina quão público pode ser um documento *on line*.

Optamos por seguir a recomendação destes autores que afirmam que mesmo se uma determinada comunidade se considere privada – em nosso caso um *blog* que fala do relacionamento conjugal de seu autor - não é necessário consentimento informado para análises passivas, isto é, de material disponível para o público e produzido sem a intervenção do pesquisador. Este material deve ser considerado um documento livre da demanda de consentimento informado. No entanto, por se tratar de um relato íntimo, consideramos necessário ter contato e solicitar a concordância dos *bloggers* para realizar a análise de seus *posts*.

#### 4.1 O material a ser analisado

O levantamento inicial foi realizado por meio dos *blogs* catálogos tais como<sup>4</sup>, “Entrevistando Expatriados”, “Brazucas no Mundo” e “Mundo Pequeno”, de onde obtivemos um total de 555 *blogs* de expatriados brasileiros, com 61 bandeiras de países diferentes.

A partir deste levantamento inicial foram separados os *blogs* de brasileiros casados dos *blogs* de brasileiros solteiros, chegando-se a um total de 230 *blogs* de brasileiros casados. Neste universo procurou-se selecionar *blogs* que satisfizessem os seguintes critérios: *blogs* de brasileiros casados com estrangeiros domiciliados fora do país e *blogs* escritos em português; *blogs* com mais de um ano de funcionamento e *blogs* nos quais ambos os parceiros fossem de países de cultura ocidental cristã, de modo a não tratar de situações onde se sobrepusesse a condição de casamentos interreligiosos.

Dentre os 230 *blogs* de brasileiros casados, 40 *blogs* eram de brasileiros casados com estrangeiros, e dentre eles foram selecionados 24 *blogs* que obedeciam aos critérios estipulados. Para estes 24 *bloggers*, foi enviada, por *email*, uma solicitação de permissão de uso dos *posts* como material de pesquisa e fixado um prazo de um mês para o recebimento da resposta. Dos 24 *blogs*, cerca de 3/4 entraram em contato, mas consideramos os 10 *bloggers* que responderam no prazo estipulado, sendo este número considerado suficiente,

---

<sup>4</sup> Entrevistando Expatriados (<http://expatriados.wordpress.com/>), Brazucas no Mundo (<http://brazucasnomundo.com.br/>), Mundo Pequeno (<http://www.mundopequeno.com/>)

pois cobria uma gama razoável de opções de países. O texto do email enviado consta do Anexo 2.

Todas as respostas foram provenientes de *bloggers* do sexo feminino. Dos 24 *bloggers*, anuíram positivamente 2 casadas com alemão, 2 casadas com francês, 2 casadas com norueguês, 1 casada com americano, 1 casada com irlandês, 1 com austríaco, e 1 casada com belga. Todas mostraram interesse em ter acesso à pesquisa após a sua conclusão.

É importante salientar que foi por meio do ciberespaço que se tornou possível o acesso aos documentos escritos pelos *bloggers*, tendo em vista que o universo da pesquisa compreende brasileiras casadas com estrangeiros espalhados pelo mundo.

#### **4.2 Análise dos resultados**

O material será submetido à análise qualitativa categorial. Conforme Bardin (1977), na análise documental o recorte da informação, ou seja, a ventilação em categorias segundo o critério de analogia e a representação em forma condensada por indexação é idêntica à fase de tratamento das mensagens de certas formas de análise de conteúdo; mas existem diferenças essenciais. A documentação trabalha com documentos, enquanto a análise de conteúdo trata de mensagens (comunicações); além disso, na primeira, trabalha-se principalmente por classificação-indexação enquanto na segunda mais por tematização.

Em nosso caso, deve-se considerar que os *posts* são comunicações mais do que relatos passivos e que, portanto, o objeto será mais amplo que a estrita “representação condensada de informações para consulta e armazenagem” (Bardin, 1977, p. 46), procedendo-se também à interpretação do conteúdo para evidenciar indicadores que permitam inferir elementos de outra realidade que não a do próprio depoimento. Analisamos o material postado até Junho de 2012.

Foram considerados, *a priori*, os seguintes eixos, baseados na revisão da literatura:

- a) A migração e a relação com a cultura estrangeira.
- b) Relacionamento conjugal e familiar intercultural.

Nestes eixos tematizamos o conteúdo de modo a explorar as semelhanças e as especificidades das vivências descritas.

## 5. Resultados e discussão

Tendo como base uma compreensão sistêmica da conjugalidade e da família, propusemo-nos, no presente trabalho, a contribuir para a compreensão dos processos implicados na formação de relacionamentos conjugais interculturais, utilizando como material de análise o conteúdo dos *posts* de 10 *blogs* de brasileiras casadas com estrangeiros e domiciliadas fora do Brasil. Consideramos que estas postagens são expressões primárias de compartilhamento das experiências vividas fora do país, um espaço de encontro com os familiares e amigos distantes e um meio de conexão, por meio da linguagem escrita, com a própria cultura, funcionando como recurso de enfrentamento bastante valioso para lidar com as perdas inerentes ao processo migratório.

Definimos dois eixos temáticos, *a priori* – a migração e a relação com a cultura estrangeira, e relacionamento conjugal e familiar intercultural – que correspondem ao nosso interesse. O material foi submetido à análise qualitativa categorial, segundo o critério de analogia e a representação sob a forma condensada por indexação, procedendo-se também à interpretação do conteúdo, por meio da teoria e das pesquisas na área que permitam inferir sobre outra realidade que não a do próprio depoimento. Posteriormente, tratamos de semelhanças e especificidades deste material categorizado, de modo a fornecer um painel do que se destaca das vivências das imigrantes brasileiras casadas com estrangeiros e domiciliadas fora do país, a partir de sua própria perspectiva.

Destacamos que, diferentemente da pesquisa executada por meio de entrevistas ou questionários nos quais o pesquisador introduz os temas de seu interesse e os submete ao participante, a análise das comunicações postadas ressalta a perspectiva da *blogger* e assim, também nos permite identificar os temas mais pungentes na vivência destas pessoas.

Iniciamos a sessão com as informações gerais sobre os *blogs* tratados; a seguir o conteúdo analisado em cada um dos eixos de interesse, e posteriormente algumas comparações.

## 5.1 Os *blogs* e os relatos

Os relatos que serão tratados referem-se a 10 *blogs* que corresponderam aos critérios de inclusão (*blogs* de brasileiros casados com estrangeiros domiciliados fora do país, escritos em português, com mais de um ano de funcionamento, nos quais ambos os parceiros fossem cristãos) e que responderam dentro de 15 dias a permissão de análise de suas postagens. Estes *blogs* são de autores do sexo feminino, o que de fato corresponde à maioria de todos a que tivemos acesso. Assim, embora de início não tivéssemos interesse em limitar a amostra por sexo, acabamos por tratar apenas a experiência de mulheres brasileiras.

Avaliando o conteúdo de todos os 10 *blogs* parece tratar de pessoas adultas jovens (20 a 40 anos), a maioria com nível educacional superior, nos estágios iniciais (formação do casal, famílias com filhos pequenos) do ciclo vital familiar. A seguir apresentamos algumas informações mínimas da autora/*blogger*, que pudemos selecionar em seus textos, lembrando que os nomes utilizados são fictícios, usados apenas para facilitar a redação de nossa Dissertação.

Andréa – Saiu do Brasil em busca de novas culturas e novos desafios; já havia morado anteriormente na Espanha, e atualmente é domiciliada na Alemanha. Casou-se com um alemão e tiveram um filho.

Beatriz – Tem 30 anos de idade, é casada com um alemão e domiciliada na Alemanha. O marido esteve expatriado no Brasil durante 15 anos e foi durante este período que se conheceram. Possui dois enteados, ambos adotados no Brasil.

Camila – É formada em Engenharia Civil, casada com austríaco, domiciliada na Áustria.

Denise – É formada em Jornalismo, casou-se com um belga e tiveram um filho nascido na Espanha onde é atualmente domiciliada. Trabalha com Relações Públicas.

Eliane – É farmacêutica, casada com um norte-americano e domiciliada nos EUA; dividem a casa com uma gatinha brasileira cheia de charme e um gatinho americano espoleta.

Fabiana – Com 28 anos de idade, é formada em Engenharia, casada com um francês e reside na França.

Gisela – É formada em Psicologia, casada com um francês e domiciliada na França.

Helena – Casou-se com um norueguês com quem teve uma filha de nacionalidade inglesa. Possui mestrado, trabalha para uma grande seguradora. Já morou nos Estados Unidos e na Noruega; atualmente é domiciliada na Inglaterra.

Ingrid – Com 33 anos de idade, é casada com um irlandês e tiveram um filho. Foi professora de inglês.

Jane - Foi parar na Noruega por amor, é professora de inglês e espanhol e casada com um norueguês.

As informações indicadas fazem parte do conteúdo espontâneo postado pelas autoras dos *blogs*, portanto não seguem um padrão, e à primeira vista nos deixaram a sensação de que seria difícil tratar de um material com tão poucas informações. De fato, para a análise a que nos propusemos a ausência de mais dados de identificação não comprometeu as conclusões possíveis, como será visto no conteúdo dos eixos e suas respectivas categorias.

De modo a facilitar a leitura do material submetido à análise qualitativa elaboramos o quadro abaixo que indica os eixos *a priori*, as categorias e subcategorias obtidas.

**Quadro 1 – Categorias e subcategorias construídas para os eixos de organização dos resultados**

<b>Eixo</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
<b>A MIGRAÇÃO E A RELAÇÃO COM A CULTURA ESTRANGEIRA</b>	<u>Adaptação cultural</u>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os hábitos, costumes e rituais</li> <li>• As normas de relacionamento interpessoal</li> <li>• Recursos de enfrentamento</li> <li>• Integração na cultura hospedeira</li> </ul>
	<u>Relacionamento com o próprio país</u>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A perda ambígua</li> <li>• O reconhecimento do valor da própria cultura</li> <li>• Transmissão transgeracional da cultura brasileira.</li> </ul>
<b>RELACIONAMENTO CONJUGAL E FAMILIAR INTERCULTURAL</b>	<u>Conjugalidade</u>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Modelo de conjugalidade</li> <li>• Conflitos relativos a diferentes construções culturais da realidade</li> <li>• Construção de um novo código cultural</li> <li>• A língua do casal</li> </ul>
	<u>Relacionamento com a família de origem</u>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O papel da aceitação</li> <li>• Rituais</li> <li>• Famílias globais</li> </ul>
	<u>Parentalidade intercultural</u>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tornando-se pais</li> <li>• Os legados</li> <li>• A língua.</li> </ul>

## **5.2 A Migração e a relação com a cultura estrangeira**

Em um mundo globalizado, a facilidade de comunicação e deslocamento tem propiciado um aumento no fluxo migratório. Baseando-nos nos casos que servem de base documental para esta pesquisa, trataremos especificamente do processo de migração que ocorre apenas para um dos parceiros. Embora a motivação da migração seja a construção de

um projeto de vida a dois, é exigida de uma das partes a abdicação de seu país, cultura, convívio com amigos e família de origem, o que demanda necessariamente uma adaptação cultural (Daure e Reveyrand-Coulon, 2009) em que um dos cônjuges deverá criar vínculo não só com seu parceiro, mas com uma cultura diferente da sua. Neste processo identificamos duas categorias, que denominamos: adaptação cultural e relacionamento com o próprio país.

### **5.2.1 Adaptação cultural**

Conforme apontamos no Capítulo 1, nossa pesquisa tem como foco um desdobramento no processo de migração, pois ao se casarem com estrangeiros, e irem viver fora do Brasil, as mulheres cujos *blogs* analisamos têm que dar conta de pelo menos três demandas: a construção de um projeto de vida a dois, a abdicação de seu país, cultura, convívio com amigos e família de origem e, finalmente a adaptação a uma cultura diferente da qual trataremos nesta categoria.

Tung (1998) define a aculturação como um processo por meio do qual cada indivíduo que pertence a um grupo com uma bagagem cultural, adapta-se à cultura de um grupo diferente. Esclarece que este processo possui duas dimensões, sendo que, na primeira, preservam-se aspectos culturais importantes do país de origem e na segunda ocorre uma parceria atrativa de valores culturais do grupo hospedeiro. Quanto maior a diferença existente entre a cultura do país de origem e a do país de destino, maior será o choque cultural, que é definido por Magalhães (2008) como o resultado da diferença existente entre a cultura do país de origem e a do país de destino, sendo visto como um momento crucial a ser superado, cujo fracasso afetaria diretamente o processo de adaptação intercultural.

Pudemos observar a indicação, por parte das *bloggers*, de várias demandas de adaptação a outra cultura. Algumas podem ser avaliadas como mais periféricas, pois são relativas a hábitos e costumes, e outras mais centrais, por dizerem respeito a aspectos de relacionamento. Trataremos como choque cultural aqueles temas nos quais há indicação do outro país, pessoas ou hábitos, por serem entendidos como os diferentes. As subcategorias identificadas são: os hábitos, costumes e rituais; as normas de relacionamento interpessoal; recursos de enfrentamento e a integração na cultura hospedeira.



### 5.2.1.1 Os hábitos, costumes e rituais

Há um número expressivo de indicações de diferenças de hábitos e costumes, muitos dos quais podem ser tratados como choque cultural: aparecem expressões de aspectos relativos à alimentação, cotidiano, etiqueta. Seleccionamos os excertos abaixo para ilustrar aspectos desta subcategoria dado o esforço que podem implicar em lidar com a diferença entre a própria cultura e a hospedeira.

*E, como se não bastasse às restrições físicas, você se confronta com vários problemas culturais, pelos quais você nunca imaginou que passaria. A filosofia do parto normal custe o que custar é uma delas. Falar em cesariana programada para os alemães é coisa de outro mundo. Tudo bem que eu também não concordo com o exagero no Brasil de marcar dia e hora para a cesárea sem nem esperar os sinais do parto, sendo a mulher saudável e a gravidez sem risco. Mas também esperar 10 dias além da data prevista, para daí induzir o parto e somente se a indução não funcionar, partir para uma cesariana é o outro extremo que tampouco me agrada. (Andréa)*

*Quanto mais eu conheço a sociedade alemã, mais eu me surpreendo com seus paradoxos. O descobrimento da semana foi à existência de "festinhas da varicela", ou qualquer outra doença infantil contagiosa, tipo caxumba ou sarampo.*

*Para uma sociedade tão avançada cientificamente, era de se esperar, que a vacina fosse aceita por todos como um método de prevenção indiscutível e indubitável. Pois não. Há aqui naturalistas suficientes que são contra a vacina, ou pelo menos parcialmente, pois acreditam que, contra doenças contagiosas infantis, como a varicela, sarampo e caxumba, não se deve vacinar, e sim, contrair a doença para criar anticorpos naturais.*

*Para isso, organizam as chamadas "festas da varicela", em alemão: "Windpocken Party", que consiste em juntar algumas crianças com a doença e mais outras saudáveis, com o objetivo de que as saudáveis contraíam a infecção. Seria, então, um "ficar doente programado", para que a criança não seja contagiada, por exemplo, no período escolar.*

*Quando ouvi que isso existe, fiquei chocada. Como pode querer que o filho fique doente de propósito? Tudo bem não querer vacinar contra essas doenças que não são tão graves, mas daí a contagiar o filho propositalmente é muito diferente.*

*Enfim, na terra da indústria farmacêutica ainda há espaço para os totalmente alternativos. Vai uma varicela aí? (Andréa)*

### 5.2.1.2 As normas de relacionamento interpessoal

Optamos por tornar as impressões das *bloggers* acerca de normas de relacionamento como uma subcategoria diferenciada devido a seu impacto na construção de uma rede de amizade no país de origem e, também porque pode tornar-se um estressor para o sucesso da conjugalidade ou na relação com novos eventos do ciclo vital da família.

*É que fazer amizades por aqui envolve uma dinâmica bem diferente do que eu estava acostumada. O fato de você ter conversado bastante com uma pessoa hoje não significa que o gelo vai estar quebrado na próxima vez que vocês se encontrarem. Não significa que uma amizade está surgindo ou que rolou certa proximidade. Numa semana dessas aí que passou, eu fui almoçar com (...). Ela queria me conhecer, me dar boas vindas, saber se eu preciso de alguma coisa, se aproximar, blá blá blá. Acabamos esticando o almoço numa conversa no sofá da sala dela por horas. Mas ao reencontrá-la no sábado numa comemoração de trabalho dos nossos maridos, foi exatamente como eu esperava: ela mal falou comigo. No final do evento ela se soltou um pouco mais, só confirmando que eu não tenho muita paciência para esse tipo de padrão de comportamento gringo. É quase sempre assim como se cada encontro fosse o primeiro no grau de intimidade. (Eliane)*

*Os alemães são muito contidos no que diz respeito a "alegrar-se antes, ou festejar antes do fato acontecer". Por exemplo: aqui é tabu absoluto festejar ou cumprimentar pelo aniversário antes da data exata. Dizem que traz azar e afinal de contas: "você não deve cumprimentar o aniversariante antes da data, pois não sabe se ele estará vivo no dia". Mais ou menos é essa a lógica em relação ao bebê. Melhor não se entusiasmar muito, pois pode acontecer alguma coisa durante a gravidez, e é mais prudente esperar que o bebê nasça bem e com saúde.*

*Portanto, presentes, chá de fralda, muita agitação e celebração em torno da gravidez não são bem vista. Presentes nem pensar. Chá de fralda não existe. Sessão de fotos da gravidez está tornando-se popular há pouquíssimo tempo e ainda choca as gerações mais velhas. Mostrar a barriga, eles vão te olhar com uma cara amarrada, como se fosse exibicionismo.*

*Tudo isso foi novidade para mim, que me custou a aceitar e a tolerar na mentalidade contida dos alemães. Certamente essas diferenças culturais são somente o começo de uma série. Agora estou nas últimas semanas, no interminável aguardo pela "hora H", torcendo para que o baby seja pontualmente alemão. (Andréa)*

*Meu filho tem nome escolhido. A família toda no Brasil (e amigos) o chamam pelo nome e "Já tem nome?" é sempre uma das perguntas da lista de quem percebe que estou grávida (além de "quantos meses?", "vai nascer aqui?" "é menino ou menina?").*

*Irlandês não pergunta o nome (e diga-se de passagem, nem o sexo). E olha, não conheço poucos: a maioria das pessoas com quem eu trabalho (funcionários e alunos), toda a família de I., amigos e colegas de trabalho dele. Até hoje, ninguém demonstrou o menor interesse no nome do meu babóg.*

*Pois é, nem mesmo os avós paternos sabem o nome que escolhemos. ...o fato é que eles nunca nos perguntaram e não se referem ao neto pelo nome.*

*Quando escrevi no blog que tínhamos feito a escolha, I. ficou meio chateado comigo. Achou que eu não deveria ter divulgado, que o nome tem que ser surpresa. Por essa razão, antes do Natal, a caminho de (...), achei melhor perguntar como deveria proceder no caso alguém me perguntasse sobre o nome. A resposta dele? "Ninguém vai te perguntar nada". Olha só que audácia! (Ingrid)*

Podemos perceber que, caso Andréa ou Ingrid - apenas exemplos de processos frequentemente vivenciados - não fossem capazes de, a despeito do choque cultural, tratar as diferenças como parte de sua demanda de viver no país do parceiro, a conjugalidade e o relacionamento com a família de origem ou rede do parceiro estariam em risco, o que nos conduz à próxima subcategoria.

### 5.2.1.3 Recursos de enfrentamento

Da mesma forma que Souza (2009), verificamos que, no caso de esposas que acompanham os cônjuges em processos de expatriação, as características pessoais como otimismo, confiança, flexibilidade, interesse por outros povos e culturas e espírito de aventura (Lind, 2008) podem funcionar como recurso positivo de enfrentamento, auxiliando no processo de adaptação à nova cultura. Em contrapartida, escassos recursos pessoais de enfrentamento, como isolamento social, acomodação etc., podem dificultar ainda mais a adaptação.

*Um belo de um desafio, mas eu o aceitei de bom grado. Alguns colegas, pelo contrário, começaram a resmungar quando escutaram a notícia. Eu fiquei chocada em ver o quanto algumas pessoas podem ser tão negativas e destrutivas. Eu vejo isso, aliás, no meu dia-a-dia como professora também. Não posso afirmar que minha profissão é um mar de rosas, mas encarar tudo com pessimismo definitivamente não ajuda.* (Jane)

*A melhor coisa do dia foi ter saído de casa e interagido com outras pessoas. O lado ruim da mudança para um local novo é o isolamento inicial. Bate uma deprê de vez em quando. E curiosamente foi preciso um desapego com aquilo que me traz conforto. Se a falta de um ciclo de amigos me deixa tristonha, eu só vou construir novas amizades se eu sair da minha zona de conforto e me expor. E é ruim, pois a exposição traz sentimentos contraditórios. Eu passei a aula de Zumba e o encontro inteirinhos me perguntando o que eu estava fazendo ali, mas a sensação no final do dia foi deliciosa. Me senti mais energizada e menos intimidada pelo fato de não ter ainda a minha vida estruturada nesse novo lugar. Eu sou uma pessoa que precisa de uma rotina estruturada para estabilizar a minha vida. Mas o curioso é que muitas vezes eu já me peguei tão acostumada com a minha rotina confortável que muitas coisas bacanas acabaram passando despercebidas. Todas as vezes que eu me arrisquei, eu recebi algo maravilhoso em troca. Seja um elogio, novos amigos, uma nova atividade preferida ou simplesmente uma levatada no astral. Porque estou cada vez mais convencida que a vida começa onde a nossa zona de conforto acaba. É sempre fora dela que eu construo as memórias mais gostosas e duradouras.* (Eliane)

*Mas mesmo assim, não me arrependo das minhas escolhas. Morar na Áustria, aprender alemão, trabalhar mais um ano de Aupair, casar, fazer amigos de diferentes*

*nacionalidades e falar português uma ou duas vezes por semana. Tudo isso foi escolha minha. Posso até reclamar, como já fiz e muito. Mas não me arrependo. Faria de novo, talvez mudasse algumas coisas. Mas faria. (Camila)*

*Os estudos indicam que em média cada francês tem 130 amigos no Facebook (não sou francesa, mas morando aqui me permito de me incluir na estatística), mas apenas 4 verdadeiros amigos na vida real! E com isso, vou perdendo meus contatos no Brasil, atualmente são poucas as pessoas com quem mantenho contato regular, e reconheço que é por minha falta! Vem a desculpa do fuso horário, mas quando vejo já fazem 6 meses que trocamos a última mensagem, queríamos nos encontrar no Brasil mas não tive tempo ou estavam de férias viajando na mesma época, etc... desculpas simplesmente para tentar dissimular que o tempo passa e que muitas vezes a vida nos leva para rumos tão diferentes... E aqui na França, apesar de "conhecer" muita gente em contextos pessoais, profissionais e de lazer, tenho dificuldades em realizar contatos sólidos, quero dizer, ligar, jogar conversa fora... No início também rolava a barreira da língua (não vou ligar, pois vou me enrolar no telefone), mas agora é mais por achar que não tenho nada de novo para dizer ou por não querer incomodar! (Gisela)*

#### **5.2.1.4 Integração na cultura hospedeira**

Segundo Daure e Reveyrand-Coulon (2009), a integração é a melhor forma de interação das pessoas de duas culturas diferentes, pois permite que elas se integrem à outra cultura e, ao mesmo tempo, continuem leais a sua própria cultura, respeitando as duas origens familiares, possibilitando a continuidade de ambas as culturas. Na nossa pesquisa pudemos observar a adaptação cultural vivenciada pelas imigrantes, na forma de inserção dos rituais e dos hábitos cotidianos da nova cultura, bem como na adequação ao clima.

*A neve chegou pra valer por aqui e a paisagem fica belíssima, mas o meu maior problema no inverno começa: as ruas escorregadias. Ainda não tive que usar as minhas solas de gelo, mas passei a levá-las na mochila caso eu necessite. (Jane)*

*Quando E. nasceu, uma das lembranças mais felizes que eu tenho é de ter a caixa de correio inundada diariamente com cartões nos parabenizando pela chegada dele. Abri cada um, li cada um deles, e guardei com todo o carinho.*

*Algumas semanas depois, minha sogra me entregou um envelope grande. Disse que ela vinha guardando aquilo há muitos anos, mas que a partir daquele momento o envelope deveria ficar comigo. Ao abri-lo dei de cara com vários cartões bem antigos, muitos já bem amarelados com a ação do tempo: os cartões que ela recebeu quando I. nasceu a mais de 30 anos atrás. Muitas daquelas pessoas também enviaram seus cartões para E.*

*Achei tão bonito ela ter guardado e tão mais bonito ter dado os cartões para mim. Esses dias eu olhei os do E. e fiquei me perguntando se um dia eu vou ter coragem de fazer o mesmo.*

*Também me bateu certa tristeza, já que nenhum dos cartões vinha do Brasil. Toda a família de I., aqui na Irlanda, na Inglaterra e no Canadá, enviou cartões, mas ninguém da minha família fez o mesmo, uma vez que isso não é costume nosso.*

*Foi por isso que pedi que pelos menos os padrinhos do meu bebê para ele um cartãozinho no próximo dia 13 de Abril, quando ele comemora um ano.*

*Queria a casa cheia de cartões, assim como quando ele nasceu. Queria deixar que ele rasgasse os envelopes, e ler para ele um por um, falando sobre quem mandou. Queria deixar todos eles em cima da lareira por um tempo e depois colocá-los todos num envelope e dentro da caixa de recordações de E. (Ingrid)*

*Quando se está há muito tempo na Alemanha, nós brasileiros nos adaptamos a alguns costumes alemães, que nos parecem à primeira vista estranhos, mas afinal vivemos aqui e esse processo de adaptação se torna inevitável e natural. Você percebe, então que já está “alemanizada” quando:*

- *pontualidade e planejamento já fazem parte do seu cotidiano,*
- *consulta a tabela de horário do ônibus urbano,*
- *acha normal o ônibus urbano chegar pontualmente às 10:52 na parada, como consta na tabela, e fica irritado quando ele chega às 10:54,*
- *acha alemão uma língua mesmo lógica e se dá conta que aquelas palavras enormes não são mais que 3 ou 4 palavras juntas, que formam uma nova, como por ex. britadeira – Presslufthammer – Press: pressão, luft: ar, hammer: martelo, ou seja, britadeira nada mais é que um martelo de ar pressurizado,*
- *fala alemão com seus amigos brasileiros que também moram na Alemanha, porque você esqueceu como se diz a palavra em português,*
- *come feijão só em ocasiões especiais, por exemplo, quando recebe amigos alemães para uma janta e oferece algo “exótico” e típico do seu país. (Andréa)*

Identificamos também os sentimentos de pertencimento do imigrante, adquiridos quando obtém a inserção na nova cultura por meio da conquista da cidadania, da inserção no mercado de trabalho, e na história construída a dois dentro de uma cultura. O domínio da língua é o grande favorecedor destas conquistas, pois é o meio pelo qual o imigrante viabiliza seu ingresso na nova cultura, mediante a compreensão do código linguístico e social.

*Acabo de chegar da polícia e posso finalmente respirar aliviada - tenho em mãos meu passaporte com o visto permanente colado. Este é o desfecho de uma batalha longa, cansativa e que nos deixou em estado de tensão durante quase um mês inteiro. (Jane)*

*Não contei aqui antes, porque não parecia real ainda. Mas agora, com o contrato em mãos (e um super contrato ainda por cima) dá para acreditar. Para quem não sabe, eu sou engenheira civil, me formei (...) e logo depois vim para cá. Não tive experiência profissional no Brasil além dos meus estágios, e aqui havia trabalhado 10 meses como Aupair. Mas desde fevereiro estava procurando emprego na área. Depois de 8 meses de*

*procura, em torno de 50 currículos mandados, 15 entrevistas, 14 "nãos" e muita lágrima, chegou a minha vez!!! (Camila)*

*Três meses e quatro dias depois, eu finalmente aceitei trocar a placa do meu carro. Para desespero do meu querido marido, eu já vinha rodando com a placa do outro estado vencida consciente que poderia levar uma multa. Concordo com ele que a minha birra era extremamente irracional, mas eu não estava preparada internamente para oficializar essa mudança. Mas curiosamente hoje eu troquei as placas como quem coloca o lixo para fora, sabe, como se fosse mais uma tarefa doméstica diária a ser feita. Não precisei de um ritual de preparação psicológica para realizar a tal simbólica troca. Eu às vezes me surpreendo comigo mesma em como sou cheia de simbolismos. Parei para pensar sobre isso quando terminei de parafusar a placa do (...) no carro e me vi com a placa antiga nas mãos. Aquela não era só mais uma placa vencida empoeirada – ela carregava poeira de vários caminhos que eu literalmente andei e... me vi assustadoramente apegada a uma placa de carro! Respirei fundo e olhei para as outras placas de carro antigas que Marido orgulhosamente tem penduradas nas paredes da garagem. Vi placas da Bélgica, Itália e mais outras placas antigas européias que nem sei de onde são (antes da UE) que contam um pouco da história por onde ele já viveu. Quer saber, me deixa eu arrumar logo um cantinho para essa placa velha porque, afinal de contas, eu também faço parte desse mural de historinhas! (Eliane)*

Embora iremos tratar de mais questões associadas à língua em outro momento desta apresentação de resultados, não podemos deixar de mencionar o quanto o controle da língua para aquelas que têm que aprendê-la pode significar uma grande conquista social e como já dominar a língua da cultura hospedeira pode ser um facilitador da integração. Andréa, Camila e Jane são exemplos dos dois lados desta moeda.

*No aprendizado de um idioma são inevitáveis as confusões com a língua, a troca de vocabulário e a dificuldade em memorizar ou pronunciar certas palavras.*

*A troca dessas palavras causou muita cara de quem não está entendendo nada. Estava eu trabalhando numa feira de automóveis para a Opel, no balcão de informações. A empresa estava oferecendo test drive dos seus modelos, para o qual, os visitantes teriam que se cadastrar e marcar uma hora num toldo montado do lado de fora do pavilhão, onde estavam estacionados os carros.*

*Os visitantes chegavam ao balcão de informações e diziam:*

*- Eu gostaria de me cadastrar para fazer um test drive.*

*Eu olhava para a pessoa, muito compenetrada e sorridente:*

*- O senhor tem que sair do pavilhão e no estacionamento está montado um "Zettel" (bilhete) onde o senhor poderá se cadastrar.*

*Cara de ponto de interrogação. E eu, então, achando que o problema estava na pronúncia, fazia no ar o desenho de um toldo e repetia a palavra: "Zettel"! – bilhete-.*

*Passei todo o primeiro dia fazendo o gesto e repetindo a informação, até que um cidadão olhou-me bem sério e disse: ahh.. "Zelt"! – toldo-.*

*Uuupsss... (Andréa)*

*...numa empresa para a qual eu havia mandado meu currículo quatro vezes anteriormente, e nunca tinha tido chance de fazer entrevista até agora. Na quinta vez, me chamaram para a bendita entrevista.*

*Chegando lá, a pressão. Três pessoas na mesa pra me entrevistar. Cada um com suas perguntas, e eu tentando de tudo para passar o meu melhor, EM ALEMAO! Sai de lá feliz, fiz uma boa entrevista. Mas das 15 entrevistas que fiz, acho que em umas 10 eu me sai bem também, só que nenhuma deu certo antes.*

*Uma semana depois, me ligam da empresa: "Frau G., queremos lhe fazer uma proposta!". Gente, eu não me agüentei! Estava trabalhando no café, queria sair de lá correndo e abraçar todos na rua, queria abraçar minha mãe, que tava sempre me dizendo que uma hora ia dar certo, mesmo sabendo que eu já estava quase desistindo, queria abraçar o T., que me ajudou a montar meu currículo e me ajudou muito em tudo, queria pular, gritar. Nossa, acho que eu já não imaginava que um dia ia receber um SIM. (Camila)*

*Parece que aquele mito de que imigrantes têm mais chance de conseguirem um bom emprego por falarem um bom norueguês do que por apresentarem muitos diplomas é verdadeiro. Pelo menos se mostrou verdadeiro para mim. (Jane)*

## **5.2.2 Relacionamento com o próprio país**

Na primeira categoria do eixo migração e relacionamento com a cultura estrangeira tratamos dos processos associados ao relacionamento e adaptação a outra cultura. A segunda categoria construída a partir de nossa análise refere-se ao outro lado, a relação com o próprio país e identidade cultural. Nesta categoria destacam-se as questões (subcategorias) associadas às perdas, reconhecimento do valor da própria cultura e transmissão transgeracional da cultura brasileira.

### **5.2.2.1 A perda ambígua**

Todos os imigrantes, segundo Falicov (2001 b), sofrem alguma forma de perda ou dor, como a da convivência com parentes e amigos que permanecem no país de origem, a língua natal, costumes e rituais, além da própria terra. É uma perda ambígua (Boss, 1999), pois, se por um lado as pessoas e lugares estão ausentes, ao mesmo tempo fazem-se presentes na mente do imigrante. Mas por outro lado a adaptação e o estresse podem deixar alguns membros da família psicologicamente ausentes, mesmo quando estão presentes fisicamente, o que pode conduzir ao não fechamento do luto.

*Imagina aí a pessoa que está, nesse exato momento a mais de 8 mil quilômetros de distância dessa maravilha de pão com manteiga, morrendo de vontade de comer e sabendo que essa vontade vai permanecer por meses e meses a fio até a próxima ida ao Brasil?*

*...eu disse que sinto falta dos passarinhos coloridos do Brasil, porque aqui só tem corvo, corvo, cor-vo! (além de pardal, essa praga!)*

*Eu quero São João! Eu quero ficar ao redor da fogueira com a família! Eu quero comer milho assado na fogueira! Eu quero ver as crianças da família soltando fogos! Passar o dia comendo amendoim cozido e tomando licor de genipapo! Eu quero fingir que danço forró! Eu quero passear nas ruas da cidade de interior dos meus pais e voltar pra casa de olhos ardendo e com a roupa cheirando à fumaça! Eu quero passar os dias ouvindo O Grande Encontro e Flávio José! Eu quero viajar pra (...) pra casa da minha tia e encontrar meu amigão de anos lá para fingir, de novo, que danço forró com ele! Eu quero estar com minha "primaiada" falando besteira e contando piada! Eu quero pendurar bandeirolas na minha casa!*

*Ai, gente, deu vontade de estar lá agora. Só isso. (Beatriz)*

*Foram pouco mais de três anos nada fáceis, nos quais tive que amargar o fato de que, ao mudar para a Noruega, teria que abdicar de toda minha experiência profissional no Brasil e trabalhar com o que aparecesse. Tive patroas e colegas maravilhosos que me ajudaram e outros que não foram tão legais comigo. Tive que acordar às 4 horas da madrugada e ir trabalhar, dirigi sobre estradas cobertas de gelo, o carro derrapou para fora da estrada, enfim, daria para escrever um livro (o livro não saiu, mas tenho um blog onde está tudo registrado). (Jane)*

Consideramos que, sem compreender o sentido da ambiguidade das perdas na migração pode-se tratar como concretos comportamentos que são simbólicos, alusões às perdas maiores que talvez possam magoar o parceiro se mencionadas. Também pudemos verificar em nossa pesquisa que alguns objetos receberam um “valor” emocional especial, ao representarem para a imigrante, simbolicamente, a pátria distante.

### **5.2.2.2 O reconhecimento do valor da própria cultura**

A segunda subcategoria refere-se à visão de “valor” em relação ao Brasil que é vivenciada por nossas *bloggers* quando experimentam a sensação de ser representantes de seu país no estrangeiro; quando desfrutam, mesmo estando longe, os benefícios de ser brasileira e quando se sentem agentes divulgadoras de nossa cultura.

*No dia 21 de maio é comemorado o dia mundial da diversidade cultural. No Brasil eu nunca tinha ouvido falar nisso, mas na empresa em que trabalho aqui na França, todos os anos eles organizam uma comemoração para o dia: os estrangeiros que trabalham na nossa unidade são convidados a montar um pequeno stand expondo objetos típicos, fotos, costumes, comida, e o que quiserem, para mostrar um pouquinho de seu país de origem.*



*Neste ano uns dez stands foram montados: Portugal, Espanha, Argentina, Rússia, Japão, China, Congo, ... e, é claro, o Brasil! Dois colegas brasileiros e eu nos encarregamos de levar uma boa quantidade de bugigangas para o trabalho e montamos nosso stand: bandeiras, fotos de viagem, camisas do Brasil (e do Flamengo, uma das colegas é flamenguista), bijuterias, berimbau, objetos que (nós) trouxemos da viagem a Amazônia, sabonetes da Natura, havaianas. Eu fiz brigadeiros, a colega flamenguista montou palitinhos de queijo com goiabada, nós sorteamos um par de havaianas a quem visitou o stand. Os franceses vinham olhar os objetos, perguntavam o que era, olhavam as fotos, pediam dicas de viagem, e por aí vai. Eles são em geral bem curiosos e gostam do Brasil. Achei bem interessante este pequeno evento e a oportunidade de conversar com os colegas e mostrar um pouquinho do nosso país e da nossa cultura para eles. (Fabiana)*

*Eu posso ter passaporte brasileiro e norueguês por que sou brasileira e o Brasil aceita dupla cidadania. Já o meu marido, por exemplo, como é norueguês, perde seu passaporte norueguês se um dia pedir outra cidadania, por que a Noruega não aceita dupla cidadania de cidadãos nascidos na Noruega. (Jane)*

*Ainda não tínhamos tido a oportunidade de convidar a família do meu marido para vir conhecer o apartamento e comemorar o aniversário dele, o meu (adiantado), a venda de casa, etc. Ele me pediu para servir salgadinhos e doces brasileiros e lá fui eu para a cozinha tentar completar mais essa missão quase impossível. Fiz pastel de carne, coxinha de frango, bolinhos de bacalhau, pudim de leite condensado (achei num supermercado na Suécia, chama-se Rainbow e é igualzinho ao Leite Moça) e brigadeiro (feito com o Rainbow também) enquanto ele serviu caipirinha em pequenos copinhos. Estava super apreensiva por não saber se ia dar certo, já pensou servir comida para 12 pessoas e dar tudo errado? Mas, felizmente eles lamberam os beiços e fizeram comentários muito fofos. O avô dele disse que foi muito especial experimentar algo do Brasil e que foi como se ele tivesse viajado para lá. Minha sogra e as duas avós já queriam as receitas, enfim, sucesso total. Acho que o povo estava meio enjoado de comer sempre as mesmas coisas nessas festas de família, então eles amaram comer algo diferente. (Jane)*

Podemos pensar que estas circunstâncias também expressam um meio compensatório da perda, no orgulho pela identidade.

### **5.2.2.3 Transmissão transgeracional da cultura brasileira**

A transmissão transgeracional da própria cultura aos filhos, em nossa pesquisa, é da responsabilidade única das mulheres brasileiras que migraram e constituíram famílias interculturais em outros países. Este compromisso pode ser percebido no zelo em relação à transmissão da língua portuguesa, nas histórias infantis contadas, na alegria de ver o filho ter acesso a brinquedos que fazem parte da infância brasileira, e nas viagens realizadas ao Brasil, que possibilitam um convívio direto com a família ampliada e a cultura.

*Quando começou a falar, nossa filha escolhia uma língua para cada palavra, e seu vocabulário era uma mistura. Por exemplo, ela inicialmente dizia “bye-bye” somente em inglês, “melk” (leite) e “sko” (sapato) somente em norueguês e algumas outras palavras somente em português (como “cubicero” e “ione”). Às vezes as três línguas eram usadas na mesma frase. Mas como ela passava a maior parte do tempo comigo, seu vocabulário em português aumentou mais rapidamente que nas outras duas línguas, de forma que após alguns meses, quando nos dirigíamos a ela em nossas respectivas línguas, ela respondia predominantemente em português. ...somos o principal ponto de contato entre a língua de nosso país de origem e nossos filhos. (Helena)*

*Nunca houve nenhuma dúvida de que E. seria criado em duas línguas (se ele vai ser bilíngue aí é outra história). Esse assunto nem foi discutido com meu marido, foi simplesmente a decisão que nos pareceu mais natural. Toda minha família está no Brasil, meus pais nem ao menos entendem um mínimo de inglês, e seria injusto poupá-los do contato com o neto e vice-versa.*

*Decidimos então que eu falaria única e exclusivamente português com E., enquanto ao pai caberia o uso do inglês. Uma pessoa, uma língua. Isso para evitar confusão, para que ele aprenda as duas línguas sem a interferência dos sotaques estrangeiros (o meu em inglês e o do pai em português) e para que ele se acostume a falar com cada um de nós em uma língua diferente.*

*A primeira dificuldade foi voltar a me adaptar a minha própria língua materna. Até o nascimento de E. eu falava muito mais inglês do que português. O inglês era a língua do trabalho, a língua do casamento, a língua da família adotada aqui na Irlanda, a língua do dia a dia. No começo achei difícil e vivia me policiando para não falar inglês com ele, mesmo quando estávamos sozinhos. Hoje eu falo português com mais naturalidade, mas ainda preciso tomar cuidado quando estou junto com a família do marido.*

*Ajuda muito o fato de poder contar com livros, CDs e DVDs em português e também o fato de todas as minhas amigas na Irlanda serem brasileiras. Meu marido entende muito bem português, o que só facilita, já que ele não se sente excluído das conversas. (Ingrid)*

*Queria dedicar o Sweet Monday de hoje ao Sansão que nosso guri ganhou de presente do vovô H. Chegou direto do Brasil, da loja da Turma da Mônica!!!! Uma pitadinha de infância brasileira, eita coisa boa! (Denise)*

*Estou super entusiasmada com a festa de um ano do nosso little man, não só porque ele completa um aninho de vida (wow! ja?), mas também porque a festinha será no meu querido Brasil, junto com a família e amigos queridos. (Denise)*

### **5.3 Relacionamento conjugal e familiar intercultural**

O segundo eixo que orientou nossa organização dos resultados refere-se ao relacionamento conjugal e familiar intercultural. Analisando todo o conteúdo dos *posts* dos

10 *blogs* no que se refere a este eixo de interesse, emergem três categorias: conjugalidade, relacionamento com a família de origem e parentalidade intercultural.

### **5.3.1 Conjugalidade**

Esta categoria refere-se à conjugalidade propriamente dita e aos temas a ela relacionados, que têm a ver com sua construção, desenvolvimento e manutenção. Há muitas diferenças na construção destes casais interculturais no que se refere a como se conheceram, se moraram no Brasil antes de imigrar ou não; no entanto, destacam-se nos *posts* os aspectos relevantes relativos à conjugalidade em geral, e outros que dizem respeito às particularidades de uma conjugalidade intercultural.

Foram identificadas as seguintes subcategorias: modelo de conjugalidade, conflitos relativos a diferentes construções culturais da realidade, construção de um novo código cultural.

#### **5.3.1.1 Modelo de conjugalidade**

Rittiner (2006) assinala que os casamentos interculturais não são necessariamente mais conflituosos do que aqueles em que ambos são provenientes da mesma cultura. Nos casamentos da atualidade como um todo, as demandas de satisfação conjugal estão particularmente associadas à expressão afetiva, colaboração nas atividades do cotidiano e equilíbrio entre conjugalidade e individualidade (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt e Sharlin, 2004; Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro, 2006). Características positivas para a construção e manutenção de conjugalidades satisfatórias podem ser identificadas em todos os relatos.

Aparecem relacionamentos marcados pela afetividade, proximidade e pelo prazer na vida em comum, como pode ser percebido nestas afirmações:

*O amor sempre existiu e por causa da força dele estamos juntos. Já passamos por tanta coisa que perco a conta de quantas vezes choramos abraçados. Uma vez ele me escreveu algo assim: “nosso amor é forte porque precisa ser conquistado a cada dia. (Beatriz)*

*Ele me chama pra sair porque gosta de estar comigo e eu, de estar com ele. Nossa vida melhorou muito nesses meses e o amor só cresceu. Sinto-me feliz com ele, por ele e para ele. E sinto-me feliz por mim, porque ele está comigo, na torcida pelas minhas novas*

*oportunidades. Meu mundo não é mais como era antes. Esse mundo novo eu descubro com ele. Eu amo cada dia que passo ao seu lado. Hoje faz sete anos! Eu casaria de novo com você!* (Beatriz)

*Acordei com meus gatinhos brincando juntos e com as suas miadinhas de alegrias. Fiquei lagartixando com o Marido na cama até a preguiça ir embora, falando bobeira, rindo dos gatos, contando histórias ao mesmo tempo em que fui me dando conta da maravilha que é ter alguém como ele do meu lado. A manhã continuou com o cheiro de café preparado por ele exatamente do jeito que eu gosto. Só ele sabe fazer, nem eu mesmo consigo acertar no ponto! Uma refeição leve e saudável acompanhou o café com leite, as risadas e os beijinhos. E seguimos juntos preparando o almoço, organizando as idéias para o cardápio da semana, descongelando e temperando o que era preciso e já cozinhando o que dava. Tudo realizado a quatro mãos! Ainda demos uma arrumada rápida na casa antes de acabar o dia esparramado no sofá tomando sorvete de manga, vendo filme e enroscando & desenroscando as pernas um no outro. Simples assim.* (Eliane)

*Eu diria que o amor é a estrutura de um casamento, que o amor é condição necessária, mas claro que o amor sozinho não é suficiente. É necessário ter muita paciência, uma excelente capacidade de adaptação (ao outro e à nova vida) e aprender a compartilhar. Sem esquecer a comunicação.*

*Posso ter esquecido alguma coisinha, mas para mim essa é a receita que está dando certo para o meu casamento.* (Gisela)

Como já foi indicado na citação anterior, aparecem descrições de relacionamentos nos quais há colaboração na divisão das tarefas domésticas:

*(antes da filha nascer) as tarefas domésticas já eram divididas com igualdade, ambos cozinhamos, passamos, limpamos e fazemos de tudo um pouco. Não existe tarefa de marido e tarefa de mulher. Se ficar a cargo de I, por exemplo, tirar o lixo do apartamento, não quer dizer que quando ele esquecer eu mesma não posso fazê-lo. Eu passo roupa (desde que parei de trabalhar fora), mas se a camisa estiver sem passar, I. não vai pedir para mim, ele vai pegar o ferro e passar ele mesmo.* (Ingrid)

*Ele me acorda todos os dias me chamando de "Meu amor" e me dando um "Bom dia!" cheio de carinho. O café já está pronto quando levanto e ele está a caminho da escola. Ele está sempre sorrindo pra mim, mesmo que não seja comigo que esteja conversando. Se disser que estou ocupada, cansada ou, simplesmente, com preguiça, ele cozinha, faz compras, arruma a casa...* (Beatriz)

Também podem ser identificados planos em comum e sentimentos de pertencimento ao lar fora do país:

*Na terça, depois da faculdade, fomos ver um apartamento que estava à venda aqui perto. Nos últimos meses temos procurado apartamento, pois já vai fazer 3 anos que moramos aqui e não queríamos alugar o apartamento por mais três anos. (Jane)*

*Mesmo que os outros não acreditem, minha casa agora é em Berlin. É lá que está meu marido, é lá que está minha casa e minhas coisas, é lá que está a cama que sinto saudades, o cheiro do meu quarto e meu colchão confortável. Aonde eu encosto a cabeça para sonhar e viver, no travesseiro e nos ombros aconchegantes de marido. Marido, aquele de quem tenho tanta saudade. (Beatriz)*

E coesão e parceria no enfrentamento de crises:

*Por que corajosa? Porque eu saí do Brasil e vim morar na Alemanha? Porque eu cheguei aqui sem falar alemão? Porque eu deixei trabalho e "carreira" por lá? Família e amigos?*

*Quando decidimos nos mudar para a Alemanha, marido e eu não estávamos na nossa melhor fase, passávamos por um inferno astral que já durava mais de dois anos. Não, o casamento continuava muito bem, foi por ele que sobrevivemos. Mas, passamos por problemas financeiros, empresa sendo fechada, um parco "patrimônio" sendo vendido ou dilapidado, marido desempregado e eu, vivendo de prestação de serviços, bons trabalhos, mas, prestação de serviços. Marido, no Brasil, já era considerado velho para a vida profissional.*

*Eu decidi que não o deixaria. Ele decidiu que sem mim não queria viver. Nós decidimos estar juntos. E nós sabíamos que uma nova vida só seria possível aonde ele tivesse chances profissionais. Eu abri mão de pouca coisa, se considerarmos a nossa diferença de idade (25 anos!). Eu sou nova. E tenho mais experiência profissional que quase qualquer alemão da mesma idade... Apesar de ser estrangeira, o que também vejo como ponto forte. (Beatriz)*

Autonomia e apoio e/ou equilíbrio entre individualidade e conjugalidade é provavelmente um dos temas da conjugalidade no qual as crenças diferentes relativas às diferentes culturas podem atuar como fator de estresse. Algumas diferenças são individuais enquanto outras perpassam a cultura:

*Ele fala pelos cotovelos sobre todos os assuntos e se interessa por tudo. Ele se levanta já de manhã cedo de bom humor, abre as persianas e prepara uma trilha sonora para o café da manhã. Ele está sempre de bom humor, não é só pela manhã não. Ele não precisa de mais de 5 minutos para conhecer alguém. A conversa flui naturalmente e rapidamente ele está conhecendo toda a vida dessa pessoa! Ele não bebe vinho, na verdade não suporta nem o cheiro nem o gosto de álcool, não come legumes e praticamente não come queijos.*

*Adora sobremesa, mas a sua verdadeira adição é ao chocolate em todas as suas formas. Ele toma banho todos os dias e nunca reclama da vida. Sua frase cotidiana é*

*"est-ce que c'est si grave que ça?" (algo como "mas é realmente tão grave assim?"). Contra todos os clichês, falo do meu chéri, francês nascido e criado por aqui (na sua Normandia natal)... Não troco por nada no mundo! (Gisela)*

*Devo confessar que para mim não é uma adaptação fácil – (...) eu que sempre fui independente, festeira, viajadora, e, que graças a Deus, tenho um marido e vivo numa cultura que respeita e entende a individualidade do outro. Eu, que preciso de momentos de solidão, que decido de uma hora para outra ir ao cinema, que adoro dormir, que curto ir para um parque ler um livro ao sol, e que tenho tantos momentos bons sozinha, estou fazendo desde já um reajuste ao outro extremo: o de nunca mais estar sozinha. (Andréa)*

Mas, também é interessante considerar o destaque (o qual grifamos) acerca não só do cômputo, mas da cultura que respeita a individualidade. Andréa fala no caso de alemães, que pelo menos a partir de um conhecimento popular brasileiro, são vistos como detentores de uma cultura mais fria ou individualista, o que corresponde à demanda de Andréa e, portanto, esta lhe dá um significado positivo. O mesmo provavelmente não aconteceria caso a crença e as demandas não correspondessem, embora não tenhamos encontrado relatos a respeito, mesmo porque as *bloggers* se referem a culturas entendidas, por brasileiros, como mais individualistas.

### **5.3.1.2 Conflitos relativos a diferentes construções culturais da realidade**

Segundo Falicov (1995 a), os casais que pertencem a diferentes culturas passam por uma fase de transição cultural, na qual deverão manter alguns valores individuais e aprender a negociar as questões de conflito. Os aspectos da língua, a língua casal, e os hábitos culturais aparecem muito nos *posts*:

*Ele pode fazer tudo o que peço, mas para tudo ele precisa escutar a palavrinha mágica "s'il te plaît". Podem estar certos que se a gente não usa essa regrinha com um francês, ele vai responder de má vontade, e é o que geralmente acontece com os turistas que chegam aqui, não usam essa fórmula e geralmente recebem umas "patadas" dos interlocutores franceses. E não adianta eu tentar explicar que em português do Brasil temos outras fórmulas de educação para pedir alguma coisa, como o condicional, por exemplo, e que é bem educado (tudo vai depender do tom), ele insiste em pensar que falta um pouco de educação ao brasileiro porque não falamos "por favor" de forma suficiente! (Gisela)*

*Os alemães adoram dar um aviso, uma informação, é o tal do "Bescheid sagen." Adoram! Não vivem sem essa palavra e sem esse ato. Informam tudo, a que horas vão sair*

*a que horas vão chegar, se há mudança nos planos, se está na hora de sair, se está atrasado, enfim, qualquer passo na vida cotidiana que envolva terceiros, há que avisar.*

*No começo eu me irritava, agora até me acostumei e também dou meus avisos. O problema é quando eu vou para o Brasil, que ninguém avisa ninguém de nada e eu fico que nem uma mané informando as pessoas que vou chegar 10 min atrasada, por exemplo.*

*Uma das minhas maiores irritações antes de me acostumar com os avisos era com o marido, que insistia em me informar o horário da nossa saída. Sempre fui super pontual, mesmo no Brasil, e costumo não me atrasar para sair. É raro, mas eu sou assim. Portanto, não tive problemas de adaptação no quesito "pontualidade" na Alemanha. Mesmo assim o marido insistia em me informar a hora exata que tínhamos que sair de casa.*

*- Ich wollte Dir nur Bescheid sagen!!! – eu só queria te avisar.*

*- Eu seiiiiiiiiiiiiiiii, não precisa me avisar!!!*

*Sempre estive pronta na hora certa. Por isso, depois de um tempo, irritada com tantos avisos, aboli o sistema informacional dentro de casa. Ele só me avisa uma vez, que é quando eu pergunto. (Andréa)*

*Culturalmente falando, algumas brasileiras podem estranhar muito o fato de alemão ser direto, falar o que pensa e você que digira aí o negócio. Ainda mais se perguntou. Então, se não quer ouvir que está gorda, não pergunte.*

*Alemão não sabe elogiar. Portanto, não estranhe se ele disser que você está linda com esse vestido azul, MAS, ficaria muito melhor com o estampado porque combina mais com o seu tom de pele. Sim, sempre terá um MAS depois de cada elogio alemão.*

*Eu sou safa nesses assuntos. Eu gosto de ouvir críticas, também sou muito direta e, dificilmente, deixo algum comentário sem resposta. Marido já sabe disso e, às vezes, gosta de me provocar.*

*O segredo mesmo é o bom humor. A gente não tem tabus. Até porque, sabemos quais são nossos pontos fracos e rimos deles. Afinal, nossa história já começou na quebra desses tabus, né mesmo?*

*E quando existir alguma diferença, o melhor é conversar, expor a situação e chegar a um acordo. Porque existem diferenças dos dois lados, tenham certeza disso. (Beatriz)*

O casamento exige um processo de construção conjunta da realidade, durante o qual o casal deverá manter alguns valores individuais, aprender a negociar as questões conflituosas e construir um novo código cultural, que possa compreender a forma de entender o mundo de ambos (Berger e Kellner, 1964). Lendo este material não é possível discordar de Romano (2001) de que o humor pode ser um meio favorável de lidar com as diferenças, talvez mais exigido ainda quando a cultura de origem pode fazer com que o indivíduo considere como realidade aquilo que nada mais é do que uma das possíveis construções da realidade.

### 5.3.1.3 Construção de um novo código cultural

Como afirmamos acima, embora em qualquer casamento haja necessidade de uma construção conjunta da realidade, a pertinência a determinada cultura traz um potencial de conflito acerca do qual Falicov (1995 a) indica a necessidade de uma construção conjunta de um novo código cultural que possa compreender a forma de entender o mundo por ambos, ou da criação de uma “terceira realidade”, conforme Perel, (2002, p. 212), que possa transcender os limites do etnocentrismo de cada um e incorporar elementos de ambos os parceiros. No caso de nossa pesquisa foi observado da parte dos cônjuges a preocupação de integrar ambas as culturas no cotidiano familiar, seja a partir da realização da cerimônia de casamento nos dois países, seja na valorização de ambas as culturas culinárias, na maneira própria de lidar com as questões do cotidiano, bem como na junção dos rituais comemorativos de ambas as culturas.

*Áustria: Não quero falar da minha tristezazinha de não ter ninguém da minha família ou dos meus amigos do meu lado, porque disso ninguém tem culpa. Mas minhas amigas daqui vão lá me ver. Isso me alegra. E claro, também me dou super bem com a família do noivo, não posso reclamar.*

*Brasil: Ah, detalhe que não falei, é que 15 familiares e amigos do T. foram aqui da Áustria para o Brasil festejar com a gente.*

*E conclui: Era isso que a gente queria celebrar a nossa união com as pessoas que se importam com a gente e com quem a gente se importa, e sermos abençoados por todos. (Camila)*

*Eu tenho a sorte de ter uma família half and half, meio irlandesa meio brasileira, onde cada um lava a louça do seu jeito, onde batata e arroz na mesma refeição é proibido, mas uma sobremesa com leite condensado não mata um, nem uma coca-cola com o jantar de vez em quando.*

*E mais do que isso, tenho sorte em dobro já que I. também é produto de outra família half and half (mãe inglesa, pai irlandês). Não fosse por isso ontem eu não teria jantado carne assada com batatas, legumes e gravy, acompanhados de Yorkshire Pudding (uma espécie de bolinho), pela primeira vez.*

*O tal do Yorkshire Pudding, é como o nome já sugere, um prato típico do norte da Inglaterra. Eu, que mal consigo esconder minha paixão por praticamente tudo o que vem da terra da rainha, já estou pensando em como servi-los da próxima vez: com picanha brasileira, e quem sabe forçando (muito) a barra, um arroz e uma farofa.*

*Aliás, vou até aprender a fazê-los! Já que minha sogra inglesa pode fazer a melhor feijoada que eu já comi na vida, quem sabe a nora brasileira não vire especialista no roast dinner inglês? (Ingrid)*

*Porque existem coisas que você só faz pelo homem que você ama, e pelo bem e durabilidade do seu casamento.*



*No meu caso eu o deixo lavar a louça.*

*Parece simples, mas levou quase dois anos, e algumas horas de terapia, para que isso acontecesse. Hoje eu já não estresso, não choro, não brigo, não reclamo, não tento ensinar o meu jeito de se fazer. E não vou lá depois que ele terminou e enxáguo tudo novamente.*

*Então para quem não sabe, aqui está o jeito Irish (que nem é só Irish, muito menos típico da ala masculina) de executar essa simples tarefa doméstica:*

*1) O antes: sem novidades, louça suja vai parar dentro da pia.*

*2) Antes de começar a lavar, a louça precisa ser retirada de dentro da pia, e a pia precisa ser limpa. Tem gente que usa uma bacia plástica para esse fim, daí basta lavar a tal da bacia.*

*3) Depois é só tapar o ralo da pia, jogar um pouco de detergente, e encher com água quente, quase que até a borda. Atenção, a água precisa ser quente e a quantidade de detergente é mínima.*

*4) O próximo passo é começar a lavagem pelos vidros (copos, tampas de panela ou qualquer coisa do mesmo material). Um por um você lava (na minha casa com a esponja, mas muita gente usa uma escovinha). Tudo com a torneira da pia fechada.*

*5) Depois, você passa para o outro lado da pia (uma menorzinha) e enxágua. Pronto, a louça já pode ir para o escorredor.*

*Até aí, tudo ótimo, tudo lindo e limpo. Acontece que lavados os copos e similares, o processo muda.*

*6) Todos os outros itens são então lavados do mesmo jeito, na mesma água que está acumulada na pia. Os pratos,*

*7) Os talheres, ou acessórios.*

*8) E aí que entra o choque cultural. Ao invés de enxaguados em água corrente, eles são simplesmente passados para o escorredor de louças. Assim mesmo, com todo o resquício de sabão (e sabem-se lá mais o quê, já que a água da pia a essa altura já está suja).*

*9) E aí, ficam todos lá, ensaboadinhos, aguardando a secagem.*

*Olhando assim parece ser bem nojento, mas tem suas vantagens, como a economia de água. Para ser bem sincera, eu sou obrigada a admitir que nunca peguei um item de louça sujo ou com gosto algum (muito menos de detergente) depois que ele lava. Pode ser pelo uso da água quente ou pela pequena quantidade de detergente utilizada, não sei.*

*Já ele acha absurdo a quantidade de água que eu uso e o fato de não usar água quente (a não ser no inverno, e aí mais por bem estar do que por razões higiênicas).*

*Mesmo assim relevamos essas pequenas diferenças já que um dia a gente prometeu se amar e se respeitar, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, com ou sem enxágüe, até que a morte nos separe.*

*E quando a coisa fica feia, existe sempre a lava louça para mediar os conflitos.*  
(Ingrid)

*Estamos na semana em que meu filho irá completar um ano, e além dos preparativos da festa tenho que gerenciar as diferenças culturais entre brasileiros e alemães. De um lado os que festejam de mais, do outro de menos.*

*Quando anunciei que iria fazer uma festa “grande” para padrões alemães no primeiro aniversário do S. (filho) vieram as indagações alemãs:*

*A minha sogra:*

- Onde vocês irão acomodar tanta gente? – pensando que todos ficarão sentados em volta da mesa, como é comum nos aniversários alemães.

- Ahh... ninguém vai sentar não, a gente se divide entre sala e cozinha.

Um amigo indagou:

- Uma festa tão grande se só é o primeiro ano e a criança ainda nem entende nada, nem irá curtir a festa?

E o argumento em busca da razão:

- Talvez a taxa de mortalidade infantil seja muito alta e faça os brasileiros comemorar muito o primeiro ano da criança.

- Não, meu caro, não é por isso. Simplesmente gostamos de festejar. Festejamos todos os aniversários, todos são especiais.

E meu marido:

- Quer dizer que teremos todos os anos uma festa dessas no aniversário do...?

- Sim, meu querido, **TODOS OS ANOS!**

Diferente foi a reação dos meus pais. E da família no Brasil.

Um primo:

- Vocês alugaram um salão?

- Não, a festa vai ser em casa mesmo.

- Mas tem lugar?

- Não serão muitos convidados, festinha pequena, 20 adultos mais as crianças.

Meus pais:

- Qual será a decoração temática da festa?

- Aqui não tem isso, mãe, as festas de crianças são pequenas, comemoradas só em família.

- Ahhh não... mas tem que ter um tema, balões, decoração, bandeirinhas.

E lá fui eu atrás de decoração temática para a festinha. Não foi fácil achar alguma coisa decente, mas com algum esforço e procura, achei uns pratinhos, toalha de mesa, copinhos, língua de sogra, chapeuzinhos.

- E os salgadinhos? Perguntou a minha mãe.

- Terei que encomendar com uma brasileira de Frankfurt.

- Como assim? Não tem na padaria?

- Não, não tem. Eles não comem salgadinhos aqui.

- Como não? Nem uns pasteizinhos? É tão bom! Eles comem o que então?

- Só bolo.

- Sóoo bolo?? Nem uns docinhos?

- Não, só bolo e café ou chá.

- Nem uma cervejinha?

- Nada. Bolo e café. Diferentes tipos de bolos, uns 3 ou 4, mas nada de salgadinhos nem docinhos.

- Ahhh... que sem graça....

Depois dessa conversa, passou uns dias e veio a mãe de novo:

- Guria, não é que é verdade? Ando procurando salgadinhos em todas as padarias que eu vejo e não é que não tem mesmo!!

E hoje ela veio com essa:

- Já estou nervosa com a história de ter que enrolar os brigadeiros e beijinhos no dia anterior a festa. Nós vamos morrer enrolando os docinhos...

- Por que mãe? Não vou fazer muita coisa, só para dizer que tem mesmo.

- *Como assim, no Brasil se calcula uns cinco docinhos por pessoa, vamos ter que fazer no mínimo uns 100 docinhos.*

- *Bem capaz mãe (essa expressão é bem gaúcha!), estamos na Alemanha, a maioria dos convidados serão alemães, eles não conhecem brigadeiro, além disso, é muito doce para o paladar deles, eles não gostam.*

- *Ahhh... vamos ver... garanto que vão provar e gostar.*

*A festinha será, portanto, meio brasileira, meio alemã. Terá salgadinhos e cerveja, bolo e café, decoração temática, mas sem milhões de balões, em casa, com pouca gente para padrões brasileiros e festão sob os olhos alemães. Tudo isso para o meu alemucho! Viva!! (Andréa)*

#### **5.3.1.4 A língua do casal**

Um dos maiores problemas em qualquer relação conjugal é a comunicação, problema que poderá ser ainda maior em casais biculturais, onde coexistem, de uma forma ou outra, pelo menos duas línguas maternas. A escolha da língua que o casal bicultural irá usar para comunica-se poderá afetar o equilíbrio do poder na relação. Por esta razão, existem casais biculturais que preferem comunicar-se numa terceira língua, que constitui para ambos os cônjuges uma língua estrangeira; no entanto, o conhecimento da língua materna do cônjuge, além de possibilitar e facilitar a comunicação intra e extra-familiar, proporciona um maior entendimento e compreensão da cultura do cônjuge (Lind, 2008).

*O auge da recepção foi o discurso que o (marido) deu em português. Foi muito fofo, e ele falando em português se saiu muito bem!!! A cada duas frases que ele falava, a galera começava a aplaudir e gritar, o que fez com que o discurso demorasse muito mais que o previsto, mas foi muito divertido! Como ele não fala português, algumas pessoas puderam conhecer ele melhor só nesse momento. E todos acharam ele um querido, e ele mostrou seu carinho e respeito por mim através de suas palavras. Foi lindo! (Camila, referindo à cerimônia de casamento realizada no Brasil)*

*De acordo com um especialista em comunicação, eu e meu marido estamos em uma situação de igualdade, pois ambos usamos uma segunda língua para nos comunicarmos um com o outro. Se tivéssemos conseguido mudar para norueguês meu marido estaria em vantagem, porque a comunicação se daria em sua língua materna, enquanto eu estaria usando uma língua da qual não sou falante nativa. (Helena)*

*...dei de presente de Natal para I. um curso de português. Em primeiro lugar porque ele vem insistindo desde que nos conhecemos para que eu ensine português para ele. Em segundo porque com a chegada do nosso babóg o português vai ser muito mais ouvido em casa e não quero que ele se sinta excluído. Em terceiro porque vamos ao Brasil em dezembro e I. adoraria se comunicar melhor com a minha família que não fala inglês. E além de tudo isso, porque a gente é nerd mesmo. Ele me dá um par de óculos de grau, eu retribuo com algumas semanas em sala de aula.*

*Nesse tempo em que estamos juntos ele aprendeu muito comigo. No entanto nos falta rotina para transformar as conversas informais em aulas de verdade. Além disso, devo confessar que tenho o péssimo hábito de falar português com ele como se falasse com uma criança. Resultado, a semana passada quando ele rompeu os ligamentos do tornozelo jogando futebol e quis me contar o que havia acontecido a frase utilizada foi “meu pé está dodói”. (Ingrid)*

### **5.3.2 Relacionamento com família de origem**

Uma segunda categoria identificada nos *posts* refere-se ao relacionamento com a família de origem, acerca da qual identificamos três subcategorias: o papel da aceitação, a questão dos rituais e famílias globais.

#### **5.3.2.1 O papel da aceitação**

O casamento não se dá somente entre o casal, mas envolve ambas as famílias de origem, que podem apoiar a união ou opor-se e ressentir-se em relação ao estabelecimento de uma relação intercultural (Rosenblatt, 2011). Como pudemos observar nos relatos, o apoio e acolhimento da família de origem e da família do cônjuge contribuem para o fortalecimento dos laços conjugais e para o processo de adaptação do imigrante.

*Saudades da minha mãe! Foram 45 dias aqui em casa com a gente, me ajudando nas últimas semanas da gravidez e depois nos primeiros dias com o Max em casa. Durante esses dias ela ainda arranhou tempo para fazer essa belíssima colcha de crochê de presente pra gente. Cabemos os três dentro, assim juntinhos no sofá. Quando sinto saudades da minha mãe, olho pra colcha e é como se ela tivesse deixado um pedacinho dela aqui comigo, pra me fazer companhia... (Denise)*

*Meus sogros cantaram uma música para mim cuja letra eu ainda não entendia: Tratava-se da canção "Sommerfugler i vinterland" - Borboleta na terra do inverno, composta em homenagem a uma moça de um país distante que veio para a Noruega como refugiada. (Jane).*

*Ontem tiramos o dia para comprar as últimas coisinhas que faltavam para a viagem, visitamos avós maternos, avós paternos, tios, primos e terminamos o dia com um jantar oferecido pelos meus sogros. Eles não param de repetir queriam muito ir com a gente de novo desta vez, acho muito fofo eles expressarem tanto o quanto eles adoraram conhecer minha família, meus amigos e meu país. (Jane)*

Também verificamos como os casamentos interculturais são mais suscetíveis ao estresse devido à desaprovação familiar (Waldman e Rubalcava, 2005, e Bustamante et al, 2011).

*São os outros que me incomodam, a visão dos outros sobre nós baseado em conceitos e concepções arcaicas, cheios de uma razão que não lhes cabe. Falo isso de pessoas importantes que fazem parte da minha vida, que não dão crédito, até hoje, a essa relação. Porque eu sabia que era estranha aos olhos dos outros, demorei muito tempo pra contar para os meus pais sobre nós. Nessa época, morava sozinha e pagava minhas contas. Então, podia ir e vir para onde e quando quisesse. Quando contei, a reação de minha mãe foi achar que ela errou na minha educação. Meu pai ficou dois dias sem dormir. O horror da família! O tempo passou, aprendi a conviver com o preconceito e fui levando. Só que não pensei que ele perdurasse tanto. ...Meu pai levou cinco anos para admitir que o que há entre nós pode ser amor – vejam bem, pode. (Beatriz)*

### 5.3.2.2 Rituais

Em relação aos casais biculturais dois fatores protetores foram identificados por Lind (2008): um maior significado atribuído aos rituais familiares e um maior acordo sobre a forma como se realizam os rituais familiares e culturais.

*Acabo de voltar, com meu filho, de uma semana de férias na casa dos meus sogros. Tudo foi lindo e maravilhoso, meus sogros são muito legais, me tratam super bem, cuidaram do pequeno para eu ter uma folga pipipi pópópó, tudo ótimo, a não ser pelo episódio do pãozinho do café da manhã.*

*Como já narrado na crônica “Pães e padarias”, na Alemanha, a variedade de pães é imensa e cada um tem o seu preferido. O meu preferido é um dos vários tipos de pão integral, e, como isso já é conhecido na família do meu marido, sempre que eu estou lá de visita, tem o pão integral para mim no café da manhã.*

*Pois dessa vez, me deu vontade de comer pão branco, e, ao ser perguntada pelo meu sogro se ele deveria comprar “o meu” pãozinho para o café da manhã, e a minha resposta foi, “não, pão branco”, houve um auê na família.*

*- Pão branco??? Mas tu sempre comes pão integral!!*

*Eu sem entender o motivo do pânico:*

*- Pois é, mas estou com vontade de comer pão branco.*

*E durante toda a semana não me perguntaram mais o que eu queria e compraram todos os dias o tal do pãozinho branco para mim.*

*No final de semana chegou o meu marido e, no sábado, quando eu me sentei na mesa para o café da manhã, a minha sogra me saiu com essa:*

*- O teu marido também estranhou que comeste pão branco toda a semana.*

*Cazzo!!! A mudança do pedido deve ter sido uma coisa muito radical para ela já ter comentado com o filho, e esse, por sua vez, também já tinha expressado sua surpresa na mudança do gosto.*

*Eu olhei para todos na mesa, todo mundo me olhando e esperando uma resposta. E eu:*

*- É que me deu vontade, fazia tempo que eu não comia pão branco.*

*- Aaaaaahhhhhh....*

*Na segunda-feira, dia que eu iria embora, veio o meu sogro e me perguntou:*

*- E hoje, que pão vais querer?*

*E eu:*

*- Integral.*

*E minha sogra:*

*- Já matou a vontade do pão branco?*

*- É.*

*E pensei: “que complicados esses alemães!” e ela deve ter pensado: “que complicada essa brasileira!” (Andréa)*

*O que tem mudado ao longo dos últimos anos é a forma de festejar o Natal (e todas as festas, enfim). No meu primeiro ano, tudo era novo, e fomos festejar a data com a família do (marido) na Normandia. Foi minha primeira vez lá, apaixonei-me pela região, pelas pessoas e pelos costumes. Mas um detalhe não me escapa: não é a minha família, e mesmo agora, ao fio dos anos, não vejo como tal. Passamos o Natal na casa de (...), respectivamente irmão e cunhada do (marido). O jantar estava impecável, como poderíamos imaginar, pois (cunhado) é cozinheiro! Como previsto, meu presente de natal a todas as mulheres foram echarpes confeccionada por mim mesma. Todas ficaram muito contentes, algumas usaram no mesmo dia, outras preferiram vestir o acessório no dia seguinte.*

*Para combinar com meu vestido simplesinho que comprei na Zara (único elemento que consegui comprar na Zara até então), fiz uma echarpe especialmente para a ocasião... Em minha opinião, foi o acessório que faltava!*

*No ano seguinte não teve festa na família do (marido), já que um ano eles comemoram em família, no ano seguinte na belle famille (família do companheiro). Como ficava um pouco longe e caro passar a noite de Natal com a minha família, resolvemos ficar em casa e fizemos um pequeno jantar para nós dois.*

*Desta vez eu queria que fosse diferente! Tínhamos a possibilidade de ir novamente à Normandia, mas como eu trabalhava até o último minuto do segundo tempo, decidimos não correr para pegar o último trem e chegar super tarde na ceia de Natal. E fizemos uma excelente escolha, pois fomos convidados para passar o Natal com amigos brasileiros, um ambiente bem descontraído que me lembrou um pouco os Natais de outros tempos... Mas com um toque francês, é claro! (Gisela)*

*A primeira parte das nossas férias foi em uma cidade litorânea aqui na França onde a família dele tem uma casinha simpática. Passamos uma semaninha por lá, com os pais dele e com a nossa sobrinha, descansando, passeando, aproveitando a praia, fazendo churrasco.*

*Depois disso, voltamos a Paris, desarrumamos as malas, arrumamos de novo e... Brasil! Foram 2 semanas e meia na terrinha, muito corridas, mas que valeram muito a pena. Além de aproveitar para rever família e amigos, realizamos um desejo antigo e conhecemos (um determinado lugar no Brasil). Em terras (da família de origem), rolou*

*lasanha da vovó, buraco quente com os primos, feijoada da mamãe, encontros com amigos queridos... Tanta coisa boa que não dava vontade de vir embora!* (Fernanda)

### **5.3.2.3 Famílias globais**

Como anteriormente consideramos, no mundo globalizado as facilidades de transporte e comunicação têm propiciado um aumento no número de famílias interculturais, que compreende um intercâmbio equitativo entre culturas, um processo permanente de comunicação, relacionamento e aprendizagem entre indivíduos, grupos, conhecimentos, valores e tradições (Wlash, 2005).

*Essa foi uma semana agitada para o nosso pequeno (que é espanhol). Na quarta-feira visitamos a casa da bonne-mamy (bisa) na Provença, onde ele conheceu sua bisavó e seus primos do lado belga da família. E no mesmo dia à noite vovó (...) chegava dos Estados Unidos, com os dois primos (...) que moram na França.* (Denise)

*Na prática, globalização é ver MEU filho, o brasirlandesinho do cabelo vermelho comendo feijoada feita pela vovó. A vovó brasileira? Não, minha gente, a feijoada da marmitinha veio direto da casa da vovó inglesa...* (Ingrid)

### **5.3.3 Parentalidade intercultural**

A última categoria que identificamos refere-se à parentalidade intercultural, acerca da qual identificamos três subcategorias: tornando-se pais, os legados e a língua.

#### **5.3.3.1 Tornando-se pais**

Conforme os casais evoluem no ciclo vital da família e começam a ter filhos, novas tarefas são necessárias: ajustar o sistema conjugal para criar espaço para o(s) filho(s); o casal unir-se nas tarefas de educação dos filhos, nas tarefas financeiras e domésticas; e realinhamento dos relacionamentos com a família ampliada para incluir os papéis de pais e avós (Carter e McGoldrick, 2001).

*Aproveitamos também o último jantar no sofá, em frente à TV, assistindo South Park. Hoje eu começo o projeto educação para o babóg maior. Jantar agora, só na mesa de jantar, sem TV, tipo gente grande. Assim a gente se prepara para dar o exemplo pro babóg menor que está por vir.* (Ingrid)

*Não é só a rotina da casa que muda (mas devo confessar que as duas super avós ajudaram a gente de uma maneira incrível), mas também a parte administrativa (que*

graças a Deus o marido está liderando) como os papéis da licença maternidade, carteirinha do sistema de saúde, marcar o pediatra, fazer DNI, registrar o guri, etc...

Fora tudo isso, também tem a lado da recuperação da mamãe né? Como meu parto demorou muito, fiquei exausta na primeira semana e não tinha força pra fazer nada. Parto natural é uma delícia, mas esgotante. Também tive que me adaptar aos horários do (filho), que quer mamar a cada 2 horas e meia. Uff, não tem sido fácil amamentar, mas é um momento tão único, uma experiência tão forte sentir esta conexão com o pequeno ser que você tem nos braços que você até esquece as noites mal dormidas, as dores no peito, nas costas, de cabeça... tudo isso fica tão pequeno perto do amor que compartilhamos um com o outro. (Denise)

Desculpem-me pela ausência forçada, mas devido ao meu novo estado de mãe, não tive tempo nem cabeça para escrever crônicas sobre o Natal nem desejar a todos vocês boas festas.

Primeiro Natal com filho é uma odisséia. Para começar você fica sem condições de pensar. Nas primeiras semanas depois do parto, fiquei praticamente paralisada mentalmente. É como se eu tivesse ligado o piloto automático para fazer somente as coisas necessárias e básicas para uma sobrevivência aceitável na vida moderna. Até chegava a pensar que deveria fazer isso ou aquilo, mas realmente encontrar tempo e energia para realizar o pensado é que era difícil.

Portanto, a preparação para o Natal foi desse jeito, comprei somente os presentes para a minha família no Brasil, que a minha mãe levou consigo, e o meu marido encarregou-se dos presentes para a família dele, e graças à Amazon e às compras via internet, ninguém ficou sem uma lembrancinha.

Na noite do Natal eu parecia um fantasma na festa. Não pela aparência, que, se não fosse a maquiagem até poderia lembrar um, mas pela presença. Estava tão concentrada em cuidar do meu filho que nem prestei atenção nas conversas, nos presentes que os outros ganharam, na comida, em nada. Estava orbitando na festa, o meu corpo estava lá, mas minha cabeça não. Foi uma comemoração estranha. Apesar de eu estar muito feliz em estar em família e com o meu maior presente – meu filho – não consegui participar da festa. Além disso, para o pequeno eram tantas as novidades que ele ficou muito agitado, o que significa, para mim, poucas horas de sono, e muitos nervos fortes para aguentar a choradeira.

Já o Réveillon foi bem calmo. Eu e o meu marido decidimos ficar em casa e passarmos nós três sozinhos, para evitar nova agitação. Para mim uma novidade, já que eu adoro Réveillon e sempre tinha festejado a entrada do ano novo com grandes festas, muito álcool e muita gente. Mas quando se torna mãe, as prioridades mudam e você passa a fazer o que é melhor para o seu filho e não o que você quer.

A nossa festinha particular foi, porém, muito legal. Vestimos roupas bonitas e elegantes, de branco, claro, preparamos uma janta gostosa, a qual, obviamente, não pôde ser degustada com tranquilidade, pois o filhão resolveu fazer tudo o que ele sabe justamente nessa hora, ou seja: chorar, mamar e fazer cocô. Uma beleza! Estou desconfiada que essa peripécia dos bebês seja um pré-requisito para que nasçam. Deus deve dizer: "olha, você vai nascer, mas na condição de testar a paciência dos teus pais em qualquer refeição!".

Enfim, o nosso final de ano foi uma novidade só. Sem grandes festas, mas com a alegria de ter o nosso filho nos braços. (Andréa)



*Ok, ok, eu sabia que este dia chegaria mais cedo ou mais tarde, mas fica uma sensação horrível de mais cedo que é muito difícil de explicar.*

*Hoje é meu último dia de férias e também o último dia de licença maternidade. Foram quase 5 meses em casa com o (filho), sem contar o último mês de gravidez que estive em casa também - ou seja, no total foram 6 meses longe do trabalho.*

*Não quero escrever um post piegas, daqueles super sentimentais e emotivos porque na verdade estou 3/4 triste de deixar o (filho) em casa (aos cuidados do papai e, diga-se de passagem, muito bem cuidado), mas também estou feliz de poder voltar a trabalhar e cuidar de mim um pouco. Às vezes sinto uma pontinha de culpa, mas que passa rapidinho quando penso em todas as mães que trabalham e nas muitas excelentes mães que não tiveram nem a oportunidade e sorte de poder ficar 6 meses em casa curtindo o filhote.*

*Em agosto trabalharei somente até as 15h00, então (marido) cuidará do pequeno de manhã e eu me encarrego das tardes. Ou seja, tudo muito devagar e gradual. Ele já está tomando leite de fórmula (um gosto horrível porque escolhi um leite bio com sabor a brócolis), papinha de frutas e água. De manhã e de noite amamentação ainda, até que complete 6 meses.*

*Bom, é isso, achei legal compartilhar esse momento com vocês e deixar registrado aqui que esses 6 meses em casa com o (filho) e o (marido) foram sem dúvida alguma os mais felizes da minha vida! (Denise)*

*Então que já são 8 horas da noite, o babóg já tomou banho, já tomou seu méééé e já está na cama há quase uma hora, dormindo feito a salsicha boba que ele é.*

*Nessa hora tiramos o crachá que diz “mãe” e “pai” e a gente volta a ser casal, volta a ser a gente. É hora de parar de cantarolar as músicas da Galinha Pintadinha, de recolher os brinquedos e livrinhos infantis espalhados pela sala, de assistir um filme abraçadinhos no sofá.*

*Só que aí, logo depois de terminar de jantar marido vira para mim e diz:*

*- Thanks for dinner, mum.*

*Agradecer o jantar ele agradece todo santo dia, mesmo que o jantar seja pizza congelada. Mas me chamar de mãe, essa foi a primeira. Viramos a Família Urso da Turma do Pica-Pau e eu nem percebi? (Ingrid)*

Embora todas as famílias tenham que dar conta destes temas, a interculturalidade pode agregar condições específicas acerca de como equilibrar novamente as questões que podem ter sido negociadas quando tratava-se apenas de um casal.

### **5.3.3.2 Os legados**

O processo de transmissão do legado transgeracional dos pais para os filhos pode ser realizado de diversas maneiras: quando compartilham suas histórias de vida e seus valores, quando proporcionam o contato com a própria cultura e quando estimulam as relações entre as gerações, principalmente quando o contato cotidiano com os ascendentes e outros membros da família se torna difícil por causa da emigração. Assim os pais

transmitem a seus descendentes os valores que consideram importantes e que gostariam de perpetuar (Daure e Reveyrand-Coulon, 2009).

*Queria dedicar o Sweet Monday de hoje ao Sansão que nosso guri ganhou de presente do vovô (...). Chegou direto do Brasil, da loja da Turma da Mônica!!!! Uma pitadinha de infância brasileira, eita coisa boa! (Denise)*

*Quando E. nasceu, uma das lembranças mais felizes que eu tenho é de ter a caixa de correio inundada diariamente com cartões nos parabenizando pela chegada dele. Abri cada um, li cada um deles, e guardei com todo o carinho.*

*Algumas semanas depois, minha sogra me entregou um envelope grande. Disse que ela vinha guardando aquilo há muitos anos, mas que a partir daquele momento o envelope deveria ficar comigo. Ao abri-lo dei de cara com vários cartões bem antigos, muitos já bem amarelados com a ação do tempo: os cartões que ela recebeu quando I. nasceu a mais de 30 anos atrás. Muitas daquelas pessoas também enviaram seus cartões para E.*

*Achei tão bonito ela ter guardado e tão mais bonito ter dado os cartões para mim. Esses dias eu olhei os do E. e fiquei me perguntando se um dia eu vou ter coragem de fazer o mesmo.*

*Também me bateu certa tristeza, já que nenhum dos cartões vinha do Brasil. Toda a família de I., aqui na Irlanda, na Inglaterra e no Canadá, enviou cartões, mas ninguém da minha família fez o mesmo, uma vez que isso não é costume nosso.*

*Foi por isso que pedi que pelos menos os padrinhos do meu bebê para ele um cartãozinho no próximo dia 13 de Abril, quando ele comemora um ano.*

*Queria a casa cheia de cartões, assim como quando ele nasceu. Queria deixar que ele rasgasse os envelopes, e ler para ele um por um, falando sobre quem mandou. Queria deixar todos eles em cima da lareira por um tempo e depois colocá-los todos num envelope e dentro da caixa de recordações de E. (Ingrid)*

*Essa foi uma semana agitada para o nosso pequeno (que é espanhol). Na quarta-feira visitamos a casa da bonne-mamy (bisa) na Provença, onde ele conheceu sua bisavó e seus primos do lado belga da família. E no mesmo dia à noite vovô (...) chegava dos Estados Unidos, com os dois primos (...) que moram na França. (Denise)*

*Na prática, globalização é ver MEU filho, o brasirlandesinho do cabelo vermelho comendo feijoada feita pela vovó. A vovó brasileira? Não, minha gente, a feijoada da marmitinha veio direto da casa da vovó inglesa... (Ingrid)*

*Estou super entusiasmada com a festa de um ano do nosso little man, não só porque ele completa um aninho de vida (wow! ja?), mas também porque a festinha será no meu querido Brasil, junto com a família e amigos queridos. (Denise)*

### **5.3.3.3 A língua**

Muitos pais não querem abrir mão do privilégio de se comunicar com seus filhos em sua língua materna, pois se sentiriam incomodados caso tivessem que falar com o

bebezinho, brincando, tentando transmitir carinho ou até mesmo dando bronca, numa língua que não fosse a sua (Storvik, 2010). Na relação com os filhos a língua vem a ser veículo de transmissão de afeto e ensinamento; é por meio dela que a criança aprenderá seu nome, que se sentirá pertencente a uma família e inserida em uma cultura.

*...acredito que todo filho (a) deve ser estimulado a aprender a língua-mãe de seus respectivos pais. Isto só fará dele um ser humano com uma visão mais rica do mundo e das diversas culturas na qual ele está inserido. (Helena)*

*A família do marido nunca se opôs e nunca criou nenhuma dificuldade. Pelo contrário, existem exemplos de crianças criadas com sucesso em dois idiomas na família e eles também acharam natural que o neto aprendesse português. (Ingrid)*

*Quando os filhos pequenos começam a falar português, um parceiro não falante do idioma pode sentir uma enorme motivação para finalmente estudar a língua, e pode tentar aprendê-la com os filhos. Meu marido tinha exatamente esses planos quando nossa filha começou a se comunicar com ele em português. No entanto, o vocabulário de uma criança normalmente aumenta com tal velocidade que quando ela chega à idade de 2 anos já deixou o adulto muito para trás. No nosso caso as coisas não foram diferentes.*

*Nessa fase meu marido falava com nossa filha em norueguês, ela respondia em português, e ele tentava assimilar as palavras novas que ela usava. No entanto, o vocabulário dela aumentou tanto ao ponto de logo ele não entender mais o que ela dizia. Com o passar do tempo ela também desenvolveu um vocabulário razoável em inglês, então quando ela tinha pouco mais de dois anos meu marido passou a falar com ela em inglês ao invés de norueguês, pois assim ela respondia também em inglês e ele entendia o que ela dizia. Uma pena, mas nesse caso comunicação era obviamente mais importante que imersão.*

*Até hoje meu marido não fala português, mas tenho certeza que a essa altura ele entende o idioma muito bem. Quanto à minha filha e a língua norueguesa, durante a infância ela entendia muito, mas falava pouco. Continuamos expondo-a à língua mesmo assim. Há uns 4 anos ela passou a falar cada vez mais e hoje, aos 12 anos, é bastante competente também nesse idioma, apesar de não ter a fluência de falante nativa que tem em português e inglês.*

*Finalmente, uma coisa muito importante deve ser notada: durante todo o processo meu marido nunca se queixou ou sugeriu que eu parasse de falar português com nossa filha. Ele sempre apoiou a educação trilingue dela e sempre teve clara consciência das vantagens do multilinguismo. Ele é tão responsável quanto eu por nossa filha ter aprendido as três línguas na infância. (Helena)*

*Nunca houve nenhuma dúvida de que E. seria criado em duas línguas (se ele vai ser bilíngue aí é outra estória). Esse assunto nem foi discutido com meu marido, foi simplesmente a decisão que nos pareceu mais natural. Toda minha família está no Brasil, meus pais nem ao menos entendem um mínimo de inglês, e seria injusto poupá-los do contato com o neto e vice-versa. (Ingrid)*

#### 5.4 Semelhanças e diferenças identificadas

Quando nos interessamos pelo estudo de expatriados brasileiros casados com estrangeiros, domiciliados fora do país, estávamos buscando um melhor entendimento dos processos implicados na formação de conjugalidades interculturais.

Verificamos que a adaptação cultural é uma vivência difícil, que demanda da imigrante um esforço pessoal, e que mediante recursos próprios, como flexibilidade, alegria e criatividade, somados ao apoio fornecido pelo cônjuge, pela família de origem e pela família de origem do cônjuge, aliados à rede de amigos, tornam mais fácil o percurso de adaptação. As diferentes formas de apoio fornecido a imigrante e os seus recursos pessoais são em si mesmo os principais aliados na adaptação cultural.

Durante este processo muitas barreiras precisam ser ultrapassadas, como a língua a ser aprendida, que poderá ser ou não a língua do cônjuge. A conquista do domínio da língua no país domiciliado, somada à legalização da imigração, que na maioria das vezes é conquistada pelo casamento, resulta em recursos que possibilitarão a inserção no mercado de trabalho, bem como em uma maior facilidade no deslocamento, sentida como ganho, principalmente em relação às visitas ao Brasil.

Além das barreiras com a língua, existem outras diferenças culturais que são vividas pelos casais interculturais, no processo de adaptação aos hábitos e rituais da nova cultura. As principais diferenças relatadas como choque cultural dizem respeito ao modo como os brasileiros celebram suas datas festivas, como casamentos e aniversários; os procedimentos relacionados a cuidados médicos, em relação ao nascimento e vacinação infantil; e na diferença na forma de lidar com a individuação do cônjuge, tanto na área profissional como pessoal, em relação à rede de amigos.

Os casais interculturais se deparam com um desafio que lhes é peculiar, que é a construção de uma nova forma de entender o mundo, de modo que incorpore elementos de ambas as culturas. Em nossa pesquisa pudemos perceber, nos depoimentos postados nos *blogs*, a preocupação em integrar ambas as culturas no cotidiano familiar, vivenciado por elas a partir da realização da cerimônia de casamento nos dois países, na valorização da culinária de ambas as culturas, na transmissão das duas línguas maternas aos filhos, bem como na junção dos rituais comemorativos das duas culturas em suas celebrações.

Uma observação importante está relacionada ao reconhecimento do valor da própria cultura, quando a imigrante passa não só a representar a cultura de seu país, como o próprio país, quando é identificada pela nacionalidade e não pelo próprio nome, e quando em datas comemorativas tem a possibilidade de apresentar a cultura brasileira a pessoas de outras culturas.

Em relação às famílias interculturais, é especialmente por meio da língua que a imigrante transmite a seus descendentes parte importante de sua cultura e do legado transgeracional, evocando a educação que ela mesmo recebeu. Assim a transmissão da história da família mistura-se à transmissão da cultura, tornando-se um viés possível, mesmo que as famílias interculturais estejam distribuídas pelo mundo.

Podemos dizer que a imigrante, mesmo estando longe de seu país, busca ao mesmo tempo a adaptação e a inserção na nova cultura, e a conservação de sua raiz cultural e dos laços afetivos com a família de origem e com sua rede de amigos.

É importante salientar que as semelhanças e diferenças encontradas nesta pesquisa referem-se especificamente a mulheres, e que o casamento de homens<sup>5</sup> brasileiros com estrangeiras, e domiciliados fora do país é um campo ainda a ser estudado.

---

<sup>5</sup> No filme *Meu País*, (Brasil, 2010), Marcos é um brasileiro que há muito tempo deixou o país para viver na Itália, separado da família pela distância e pelo afeto. Casado com uma italiana, ele mantém com o sogro uma relação extrafamiliar, de negócios na Itália. Depois do enfarto de seu pai ele teve que regressar ao Brasil temporariamente, e precisou lidar com as muitas pressões relativas a ambas as famílias, entre outras, a administração dos bens da família de origem e os negócios deixados na Itália. <http://www.imovision.com.br/meupais/>

## Considerações finais

Quando apareceram os computadores havia medo de que estes viessem a substituir as pessoas ou causassem todo o tipo de problema social. Desde então, muitos começaram a ter experiências *on line* inéditas e intensas associadas a duas atividades, a pesquisa e o bate-papo. O resultado disto é que as alternativas de comunicação disponibilizadas pela internet estão alterando as rotinas de acesso à informação, relacionadas ao trabalho e às formas de relacionamento social, que possibilitam o contato com pessoas desconhecidas, distantes e/ou pertencentes a culturas diferentes e proporcionam novas formas de relacionamento (Leitão e Nicolaci-da-Costa, 2000).

Outra questão a ser considerada é que a internet se mostra um meio de criação do humano que já tem produzido muitas coisas boas. Por seu intermédio é possível ter acesso a informações, *sites*, *e-mail*, fórum, e no nosso caso, aos *blogs*. É importante ressaltar que este trabalho só existiu devido ao computador. De que outra forma seria possível entrevistar 10 mulheres que moram em 7 países (Alemanha, Áustria, Espanha, Estados Unidos, França, Noruega e Irlanda) diferentes? O custo de tempo e deslocamento tornaria a pesquisa impossível. No entanto, o mundo está rapidamente se internacionalizando e estudos como este são necessários.

A união de famílias na formação do novo casal envolve os parceiros, ambas as famílias de origem, que poderão apoiar ou não a união, e a cultura de cada um dos cônjuges, com suas diferenças e semelhanças (Rosenblatt, 2011). Nos estágios do ciclo de vida da família, o desenvolvimento transcorre em etapas (Carter e McGoldrick, 2001), havendo períodos de equilíbrio e adaptação, caracterizados pelo domínio das tarefas e atitudes pertinentes a cada etapa e períodos de desequilíbrio, que se originam tanto no indivíduo como no contexto (Minuchin, 1990), sendo que algumas dificuldades de transição podem ser mais comuns em determinadas culturas do que em outras (Falicov, 1995 b).

Quando pensamos na especificidade dos relacionamentos interculturais é necessário entender que nem tudo o que se passa com este tipo de casal no âmbito familiar está relacionado diretamente com a cultura. Muitas das questões vivenciadas por eles e suas famílias são pertinentes a toda e qualquer forma de configuração familiar e conjugal. No

entanto, sabemos que esta percepção demanda do pesquisador acadêmico uma formação ou desenvolvimento pessoal diferenciado. Nesse sentido, a escuta da clínica de casais e família e a formação como terapeuta familiar contribuiu para que se realizasse com maior clareza a delimitação do que concerne as tarefas a serem cumpridas a cada etapa do ciclo vital que são inerentes a toda e qualquer casal e família, das etapas do processo de adaptação cultural que são vivenciadas pelos casais interculturais.

Constatamos em nossa pesquisa que a internet também foi usada como fonte de promoção da saúde para a imigrante, servindo como ponte para manutenção do contato com a família e os amigos que residem em outro país, superando distâncias, aproximando geograficamente. Além do que, a conexão estabelecida pela internet possibilita que a informação chegue em tempo real, fazendo com que a família e os amigos possam acompanhar e participar de todo o processo de migração. Assim, a internet pode ser considerada como uma importante fonte na transmissão e preservação dos afetos.

Por meio das mídias-sociais, e no caso desta pesquisa mais especificamente, dos *blogs* do tipo "Diários Eletrônicos" (Recuero, 2003, p.3), a escrita vem a ser um veículo importante na elaboração das etapas do processo de migração, e como forma catártica de expressão dos sentimentos. O *blog* emerge como meio de promoção da saúde social, pois ao tornarem públicas suas experiências as bloggers permitem que outras pessoas na mesma situação, ou que se preparam para vivê-la, possam identificar-se e identificar processos que enfrentarão.

Quanto às *bloggers* deste estudo, embora não tenha sido nosso objetivo tratar de condições de risco, vulnerabilidade e resiliência, não se pode deixar de mencionar que estas mulheres, imigrantes brasileiras, casadas com estrangeiros e domiciliadas fora do país, mostraram resiliência frente aos riscos da migração: perda de vínculos, posição social, desenraizamento (Falicov, 1995 b, 2001 b).

Os registros postados nos *blogs*, realizados em linguagem escrita, também são uma importante forma de manter contato com a língua portuguesa, e com a nossa cultura; desta forma o *blog* vem a oferecer uma significativa oportunidade de manter o vínculo (com outras características que também devem ser estudadas), compartilhar, e que favorecem a saúde. Portanto, por meio deste veículo virtual, destacam-se outras características associadas a soluções resilientes como: dar sentido, contribuir, ser altruísta.

É importante salientar que as produções espontâneas registradas nos *blogs* constituem uma fonte riquíssima de material. Futuros estudos poderão desenvolver pesquisas a respeito de como se dá o processo de transmissão da nossa cultura por meio de mães emigrantes brasileiras a seus filhos nascidos em outros países. Também consideramos relevante a investigação dos fatores elencados como significativos, pelos membros do casal intercultural, na formação de uma “terceira realidade” (Perel, 2002, p. 216) na conjugalidade intercultural.

Esperamos com esta pesquisa poder contribuir para o campo do conhecimento dos profissionais que trabalham com casais e famílias interculturais, e colaborar para que ações educativas, de saúde e na mobilização de redes sociais se instalem e sirvam de suporte para aqueles que vivenciam este processo.



## Bibliografia

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 226 p.

BATALHA, Martha M. **Carta ao meu filho que vai nascer**. Revista Época, Mulher 7X7, 26/11/2011. Disponível em:

<http://colunas.revistaepoca.globo.com/mulher7por7/2011/11/26/carta-ao-meu-filho-que-vai-nascer/>

BERGER, Peter e KELLNER, Hansfried (1964). *Marriage and the construction of reality: an exercise in the microsociology of knowledge*. Diogenes 12 (46): 1-24

BLOG Geograficamente digital. **Tipos de Migração**. 2008. Disponível em:

<http://geograficamentedigital.blogspot.com.br/2008/01/tipos-de-migrao.html>

BOSS, Pauline. *Ambiguous loss: learning to live with unresolved grief*. First Harvard University Press paperback edition, 1999. p. 1-25 e 118-132.

BRASIL, **Brasileiros no Mundo**. Ministério das Relações Exteriores. Disponível em:

<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/referencias/#Referenciasbibliograficas>

BRASIL, **Censo demográfico 2010**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Disponível em:

[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2017&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2017&id_pagina=1)

BRASIL, Ministério das Relações Exteriores. **III Concurso de desenho infantil "Brasileirinhos no Mundo"** Disponível em:

<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/acoes-para-a-comunidade/iii-concurso-de-desenhos-infantis-brasileirinhos-no-mundo>

BUSTAMANTE, Rebecca M.; NELSON, Judith A.; HENRIKSEN, Richard C. Jr; MONAKES, Sarah. *Intercultural couples: coping with culture-related stressors*. The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families. 2011. p. 154-164.

CAMARGO, Marli. **Pé na estrada... de novo?!!!** São Paulo: Editora Reflexão, 2010.

CAMPOS, Marden Barbosa de. **Migração internacional. Estimativas de migração internacional no Brasil: os velhos e os novos desafios**. In OLIVEIRA, Luiz Antonio Pinto de e OLIVEIRA, Antônio Tadeu de (org). Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil. Estudos & Análises. Informação Demográfica e Socioeconômica 1. IBGE. Rio de Janeiro, 2011, p. 71 – 83. Disponível em:

[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/reflexoes\\_deslocamentos/deslocamentos.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/reflexoes_deslocamentos/deslocamentos.pdf)

CARTER, Beth; McGOLDRICK, Monica e col. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. p.7-29.

CASTRO, Ana Laura R. A. Você é daqui? **A subjetividade de famílias brasileiras em movimento de migração interna**. Assis, 2005. Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Psicologia, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade, Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP. 215 f. Disponível em: [http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bas/33004048021P6/2005/castro\\_alra\\_m\\_e\\_assis.pdf](http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bas/33004048021P6/2005/castro_alra_m_e_assis.pdf)

DAURE, Ivy e REVEYRAND-COULON, Odile. **Transmissão cultural entre pais e filhos: uma das chaves do processo de imigração**. *Psicol. clin.* [on line]. 2009, vol.21, n.2 [cited 2012-04-30], pp. 415-429. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652009000200011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652009000200011)

EYSENBACH, Gunther e TILL, James E. *Ethical issues in qualitative research on internet communities*. *BMJ* 2001; 323 doi: 10.1136/bmj.323.7321.1103 (Published 10 November 2001). Disponível em: <http://www.bmj.com/content/323/7321/1103.full>

FALICOV, Célia Jaes (1995, a). *Cross-cultural marriages*. In N. S. Jacobson e A. S. Gutman (Eds.), *Clinical handbook of couples therapy* (pp. 231 – 246). New York: Guilford Press.

FALICOV, Célia Jaes. *Training to Think Culturally: A Multidimensional Comparative Framework*. *Family Process*, 34, Issue 4, p. 373-388, dezembro 1995 (b). Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1545-5300.1995.00373.x/full>

FALICOV, Célia Jaes. *Clínica de las familias migratorias*. *Perspectivas Sistémicas*. (2001, a). 64, 3-4.

FALICOV, Célia Jaes. *Migración, pérdida ambigua y rituales*. *Perspectivas Sistémicas: La Nueva Comunicacion*. (2001 b). Disponível em: <http://www.redsistemica.com.ar/migracion2.htm>

FALICOV, Célia Jaes. *Working with transnational immigrants: expanding meanings of family, community, and culture*. *Family Process*, 46: 157–171. doi: 10.1111/j.1545-5300.2007.00201.x. 2005. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1545-5300.2007.00201.x/full>

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. (1998). **Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394. Disponível em: de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&tlng=pt). <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>.

FIGUEIREDO, Ligia Baruch de. **Uma revolução silenciosa: a sexualidade em mulheres maduras**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2001.

FRANÇA, Congrès annuel de l'E.C.B. Conférence Européenne des associations des couples binationaux ou biculturels. *Les familles mixtes, ici et là bas*. Paris, 2004. Disponível em: <http://www.yabiladi.com/article-societe-63.html>

GEHRKE, Mirian Engel. **Rotinas digitais de comunicação pessoal: Internet e sociabilidade contemporânea**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. 2002. p 216. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1595/000352556.pdf?sequence=1>

GROSJEAN, Francois. *How cultures combine and blend in a person*. In Life as a Bilingual. 2011. Disponível em: <http://www.psychologytoday.com/blog/life-bilingual/201105/how-cultures-combine-and-blend-in-person>

GUARDIOLA, Maria Carmen Albert e RIPOLL, Erika Masanet. *Los matrimonios mixtos en España ¿espacios de construcción intercultural?* IUDESP. Universidad de Alicante. Revista OBETS 1, 2008. p. 45 – 71

HOTVEDT, Mary. **O casamento intercultural. O encontro terapêutico**. In ANDOLFI, Maurizio. A crise do casal: uma perspectiva sistêmico-relacional. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p.153 – 169.

KARR, Sofia. **Expatriado: o que você e sua família precisam saber e ninguém vai contar**. São Paulo: All Print Editora, 2009.

KOMESU, Fabiana Cristina. **Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet**. In MARCUSCHI, Luiz Antonio e XAVIER, Antonio Carlos. Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucena, 2004, p. 110 – 119. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/blogs.pdf>

LEITÃO, Carla Faria e NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Psicologia clínica e Informática: por que essa inusitada aproximação?** Psicologia Clínica. Rio de Janeiro. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Centro de Teologia e Ciências Humanas. Departamento de Psicologia. V.12 nº 2 p. 189-205, 2000. Disponível em: <http://www.psi.puc-rio.br/download/pdf/Ana%20Maria%20Nicolaci-da-Costa.pdf>

LIND, Wolfgang Rüdiger. **Casais biculturais e monoculturais: diferenças e recursos**. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia e de Ciência da Educação. 2008. p. 455. Disponível em: [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/977/1/15352\\_Tese\\_Wolfgang\\_Lind\\_2008.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/977/1/15352_Tese_Wolfgang_Lind_2008.pdf)

LUCCIO, Flavia Di e NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Escritores de blogs: interagindo com leitores ou apenas ouvindo ecos?** Psicologia, Ciência e Profissão, 2007, 27 (4), 664-679. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/pcp/v27n4/v27n4a08.pdf>

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, Leila Regina Gonçalves Rockert de. **Na senda do capital: a expatriação dos executivos brasileiros e respectivas famílias: 1956-2005.** Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História. São Paulo, 2008. 245 p.

McGOLDRICK, Monica. **Etnicidade e o ciclo de vida familiar.** In CARTER, Beth; McGOLDRICK, Monica e col. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. p. 65-83.

MENESES, María Piedad Rangel. **Redes sociais – pessoais: conceitos, práticas e metodologia.** Tese (Doutorado), Faculdade de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007. 136 f.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias: funcionamento & tratamento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. p. 52-69

MINUCHIN, Salvador e FISHMAN, H. Charles. **Técnicas de terapia familiar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 21-36

MOSMANN, Clarisse, WAGNER, Adriana e FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Qualidade conjugal: mapeando conceitos.** (2006). Ribeirão Preto: Paidéia, 2006. p. 315-325. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2006000300003&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000300003&lng=pt&tlng=pt). <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2006000300003>.

NICHOLS, Michael P. e SCHWARTZ, Richard C. **Terapia familiar: conceitos e métodos.** 3. Ed. Porto Alegre: Arned, 1998. p. 187 – 212, 311-312.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo.** Psicologia & Sociedade; 17 (2): 50-57; mai/ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n2/27044.pdf>

NORGREN, Maria Betânia Paes; SOUZA, Rosane Mantilla; KASLOW, Florence; HAMMERSCHMIDT, Helga e SHARLIN, Shlomo A. **Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível.** Estudos de Psicologia (Natal), 9 (3), 575-584. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2004000300020&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000300020&lng=en&tlng=pt). <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300020>.

OLIC, Nelson Bacic. **Fluxos migratórios contemporâneos**. Revista Pangea. 2002.

Disponível em:

[http://www.clubemundo.com.br/revistapangea/show\\_news.asp?n=132&ed=4](http://www.clubemundo.com.br/revistapangea/show_news.asp?n=132&ed=4)

PEREL, Esther. **Uma visão turística do casamento. Desafios, opções e implicações para a terapia de casais interculturais**. In Papp, Peggy, org. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p. 193 – 217.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Weblogs, webrings e comunidades virtuais**. Biblioteca *on line* de ciência da comunicação, 2003. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-weblogs-webrings-comunidades-virtuais.pdf>

RECUERO, Raquel da Cunha. **Webrings: as redes de sociabilidade e os weblogs**. Sessões do imaginário, Porto Alegre, v. 11, p. 19-27, 2004. Disponível em:

<http://www.pontomidia.com.br/raquel/webringseredes.pdf>

RITTINER, Maria Eduarda Noura. **O fluxo migratório do turismo gerando famílias interculturais**. 2006. Disponível em:

[http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_26\\_RBA/grupos\\_de\\_trabalho/trabalhos/GT%2035/maria%20eduarda%20noura%20rittiner.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2035/maria%20eduarda%20noura%20rittiner.pdf)

ROCHA, Paula Jung. **Blogs: sentimentos em rede compartilhados na pós-modernidade**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n 22, dez 2003. Disponível em:

<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewFile/235/179>

ROMANO, Dugan. **Intercultural marriage – Promises & pitfalls**. 2nd ed.. Yamouth, Maine USA: Intercultural Press. 2001. p. 172 - 186. Disponível em:

<http://pt.scribd.com/doc/59832032/Intercultural-Marriage-Promises-and-Pitfalls>

ROSENBLATT, Paul C. **A systems theory analysis of intercultural couple relationships**

In KARIS, Terri A. and KILLIAN, Kyle D. *Intercultural couples: exploring diversity in intimate relationships*. New York London: Routledge, Taylor & Francis Group. 2011. Cap 1, p. 23-38.

SANTOS, Sandra. **Mineirinha n'Alemanha**. Impresso no Brasil. Gráfica Betânia, 2008.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de e GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Ano I, n. I, Jun 2009. Disponível em:

[http://www.rbhcs.com/index\\_arquivos/Artigo.Pesquisa%20documental.pdf](http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Pesquisa%20documental.pdf)

SCHULER, Flavia de Maria Gomes, **Casamento intercultural e suas peculiaridades: um estudo sobre brasileiras que vivem na Suíça**, Mestrado em Psicologia Clínica, UNICAP, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual.; São Paulo: Cortez, 2007, p. 122-123 e 136-144.

SLUZKI, Carlos R. **A migração e o rompimento da rede social**. In McGoldrick, Monica. *Novas abordagens da terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica*. São Paulo: Roca, 2003, p.414 – 424.

SOUZA, Adriana Alvarenga Madia de. **“Trailing spouse”**: estudo sobre a vivência da **cônjuge do executivo expatriado**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestrado em Psicologia Clínica. São Paulo, 2009, p. 200.

SOUZA, Rosane Mantilla. **Começar de Novo: as mulheres no divórcio**. In MEIRELLES, Valéria (Org.). *Mulher do Século XXI*. São Paulo: Ed. Roca, 2008. p. 51 – 66.

STORVIK, Claudia. **Quando um dos pais não fala português**. Blog: Filhos bilíngues: Estratégias práticas para a educação de crianças bilíngues. Publicado em: 3 de Novembro de 2010. Disponível em: <http://filhos-bilingues.blogspot.com.br/2010/11/bilinguismo-quando-um-dos-pais-nao-fala.html>

TUNG, R. L. *American expatriates abroad: from neophytes to cosmopolitans*. *Journal of World Business*, 33: 125-144, 1998.

TREQUESSER, Yami. **Cinco cinco: memórias de uma brasileira em Londres**. São Paulo: Reality Books Ltda., 2010.

VARRO, Gabrielle. *The transplanted woman: a study of French-American marriages in France*. New York: Praeger, 1988. p. 416-418. Publicado on line pela Cambridge University Press 18 Dez 2008.

VENEZIANO, Polyana de Souza. **Filhos da globalização: a vivência dos filhos de pais expatriados**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestrado em Psicologia Clínica. São Paulo, 2011, p. 100.

WALDMAN, Ken e RUBALCAVA, Luis. *Psychotherapy with intercultural couples: a contemporary psychodynamic approach*. *American Journal of Psychotherapy*, V. 59, N. 3, 2005, p. 227 – 245.

WALSH, Catherine. *La interculturalidad en la educación*. Lima, Perú: Ministério de Educación e UNICEF, 2005. Disponível em: [http://issuu.com/paul\\_sanchez/docs/la\\_interculturalidad](http://issuu.com/paul_sanchez/docs/la_interculturalidad)

**Anexos**

**Anexo 1**

Estimado Blogueiro/a

Meu nome é Carolina Tavares da Silva Louback, sou psicóloga, terapeuta familiar e estou fazendo Mestrado no Programa de Estudos Pós Graduated em Psicologia Clínica Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (<http://pos.pucsp.br/>), sob a orientação da Profa. Dra. Rosane Mantilla de Souza, cujo currículo se encontra em <http://lattes.cnpq.br/4589055844664536>.

A pesquisa que estou desenvolvendo tem como objetivo compreender a vivência da cultura estrangeira por brasileiros casados com estrangeiros, domiciliados fora do país e as necessidades das famílias multiculturais.

Identifiquei 40 blogs de brasileiros/as casados/as com estrangeiros/as que socializam suas experiências multiculturais por meio de blogs abertos. Dada a riqueza e potencial destes relatos, estou realizando minha pesquisa tendo por base este material.

Alguns dos temas que você trata em seu blog contribuem significativamente para o entendimento da vida no estrangeiro e/ou sobre os relacionamentos nas famílias multiculturais, por isso solicito sua concordância para trabalhar com frases postadas por você, em minha pesquisa de mestrado. O material será utilizado para fins acadêmicos, de modo ético e com todo o cuidado científico, além de preservada a identificação do blog e do autor. Eu e minha orientadora, cujo e-mail está copiado nesta mensagem, colocamo-nos a disposição para quaisquer outros esclarecimentos que você possa desejar.

Certa de contar com sua colaboração, aguardo sua manifestação o mais rápido possível para que eu possa prosseguir.

Atenciosamente,

Carolina Tavares da Silva Louback  
Mestranda PUC-SP

Prof. Dra. Rosane Mantilla de Souza  
Orientadora  
Coordenadora e Professora Titular do Programa de Estudos Pós Graduated em Psicologia  
Clínica da PUC-SP.





“Gabriel,

*Faltam três meses para você nascer. A primeira coisa que eu vou fazer quando você chegar é ver o quanto você se parece comigo ou com o seu pai. Mas, mesmo que você tenha meus olhos grandes e negros, mesmo que tenha a mesma carinha redonda, eu tenho medo de todo o resto ser muito, muito diferente de mim.*

*Você vai nascer americano.*

*Você nunca vai saber o que é poder andar o ano inteiro de short, camiseta e sandália Ortopé. Não vai saber o que é ir à feira domingos de manhã, não vai escutar o homem gritando na praia Biscooito Globo. Não vai me ouvir reclamando porque você me pediu pra eu te levar pela centésima vez às grutas do Parque Lage. Não vai chorar porque os girinos que capturou no Jardim Botânico não aceitaram o pão que você deixou e apareceram boiando na tapeware com água depois de três dias. Você nunca vai saber o que é ir todos os anos na Loja Bonita pra comprar a roupa do seu aniversário. Não vai poder fugir para a casa dos avós quando brigar comigo. Não vai escutar a música do Jornal Nacional e saber que é hora de dormir. Vai pedir cupcakes em vez de bolo de milho. Sesame Street em vez de Sitio do Pica-Pau Amarelo.*

*É por isso que numa noite qualquer do meu futuro eu vou acordar com olhos arregalados e peito apertado que nem rosbife em barbante, pensando que você me esquecerá logo, porque a sua realidade vai ser completamente diferente da minha.*

*Pra você, junho não vai ser mês de festa junina, 12 de outubro não vai ser Dia das Crianças. Quem chegar por último não vai ser a mulher do padre e escolhas não serão feitas por unidunitê. Não vai ter primos pra brincar, não vai ter primos pra brigar. A Floresta da Tijuca não vai ser o seu quintal, e sua língua nunca vai ficar roxa de comer sacolé de uva. Você não vai ver Pluft no teatro Tablado e não vai ter medo da Cuca. Não vai saber o que é ter uma jabuticabeira no quintal ou torcer pelo Botafogo.*

*Mas ao menos vai saber o que é um choro do Pixinguinha e quem foi Vinícius de Moraes. Porque eu vou estar na sua cama todas as noites contando histórias deste lugar de onde eu vim, lendo Lygia Bojunga e Monteiro Lobato. E quando não forem histórias de livro serão histórias de mim. Na sua cabeça, o Brasil vai se tornar esta terra distante e exótica, onde ainda é possível encontrar nas matas saci pererê e mula-sem-cabeça. Onde todo mundo dança por uma semana todo o ano. Onde espíritos de pretos velhos podem*

*tomar pessoas. Onde um poeta chamado Chico colocou em versos toda a história do país, e uma praia em frente a uma imensa lagoa contém as mulheres mais bonitas do mundo.*

*Vai ser tanto meu empenho em te formar brasileiro que talvez eu consiga te fazer dividido como eu. Mas, olha, isso é bom. Existem várias janelas de se ver o mundo, e você terá pelo menos quatro – a brasileira, a americana, a portorriquenha e a cubana – consulte seu pai sobre as últimas duas, que de assuntos caribenhos entende ele.*

*Mas prometo não ser também completamente brasileira, pra me adaptar a este mundo que é todo seu e apenas metade meu. Prometo ser a melhor mãe americana que eu puder. Prometo aprender a fazer bolos em formato de castelos, balões e elefantes, só porque todas as mães dos seus amigos precisam ser parecidas com a Martha Stewart – e você precisa que eu seja parecida com a mãe dos seus amigos. Prometo aprender a comer peru no Thanksgiving – desde que eu possa repetir a receita no Natal, porque Natal de verdade se faz com peru, calor e rabanadas. Prometo te vestir de Ninja para juntos batermos de porta em porta pedindo doces em 31 de outubro. Prometo um dia me esforçar e aprender a viver numa destas casas de subúrbio longe de tudo e para onde todos vão para que você tenha um jardim com balanço e casa na árvore. Prometo deixar você pedir no restaurante um cheeseburger duplo com batatas fritas com queijo e bacon, mas uma só vez por ano, e se o ano for bissexto. Prometo me esconder pra chorar quando você sair de casa aos 18 anos pra fazer faculdade, sabendo que poderá nunca mais voltar. Prometo não invadir o campo quando cinco trogloditas pularem em cima de você no jogo de futebol americano.*

*Não, isso eu não prometo.*

*Eu te prometo tudo (ou quase tudo), e só te peço uma coisa. Não se esqueça de onde você veio. Não se esqueça de que você é metade latino. Jamais tenha vergonha de falar espanhol ou português, mesmo quando você descobrir que existe uma hierarquia de culturas no mundo, e que o Brasil ou Porto Rico não encabeçam a lista. Perdoe sua mãe quando ela errar o passado de algum verbo irregular em inglês na frente dos seus amigos.*

*Agradeça em espanhol ao ajudante de garçom que limpar a mesa do restaurante em que você levar a sua namorada. Não finja que não entende português quando for a única pessoa do check in do vôo para o Rio com apenas uma mala, e estiver cercado por pessoas com bagagem suficiente para passar 40 anos no deserto e descobrir com Moisés a*

*terra prometida. Não tenha vergonha do seu sobrenome Suarez Batalha, mesmo se você um dia tiver um emprego muito, muito chique, e só tenha Smiths, Alens, Caldwells e Williams como colegas. Você vai se chamar Gabriel pra levar a marca latina no nome e sobrenome. É isso o que os latinos dizem aqui, você sabia? Que todos eles nascem com uma marca. Você terá muito mais oportunidades do que a maioria dos latinos neste país, mas nunca deixará de ser um deles. Respeite todos os imigrantes – ilegais ou não. É sempre sofrido mudar de país, e a maioria deles veio de lugares tristes. E, de certa forma são mais do que você. Porque foram capazes de chegar aonde chegaram com muito menos possibilidades.*

*É isso, Gabriel. Eu sei que você vai ser muito diferente de mim. Mas sei também que as palavras Eu te amo vão chegar ao seu coração antes que I love you. E espero que a minha insistência faça você tão latino quanto eu. Mesmo quando você estiver quase se esquecendo de mim, jamais renegue o seu passado.*

*Se eu souber que isso aconteceu, só não vou baixar suas calças e bater na sua bunda cabeluda de homem feito porque meu olhar já fará o serviço.”*